

REFLEXÕES E PRÁTICAS PARA AULAS DE PORTUGUÊS



Laura Almeida
Alberto Roiphe
Marcela Paim
Kaline Mendes
(Organizadores)



Criação Editora

Copyright 2023 by organizadores.

Todos os direitos reservados - Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei em vigência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do organizador, título da obra, editora, edição e paginação. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

EDITORA CRIAÇÃO
CONSELHO EDITORIAL
Ana Maria de Menezes
Christina Bielinski Ramalho
Fábio Alves dos Santos
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira Menezes
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

A447r Almeida, Laura (org.) et. al.
Reflexões e práticas para aulas de português / Organizadores: Laura Almeida, Alberto Roiphe, Marcela Paim e Kaline Mendes. -- 1. ed. -- Aracaju, SE: Criação Editora, 2023.
94 p.
E-Book: PDF.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-8413-386-4

1. Educação. 2. Literatura. 3. Narrativas. I. Título. II. Assunto.
III. Organizadores.

CDD 371.3:800

CDU 37.013:82

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Métodos de ensino instrução e estudo– Pedagogia; Literatura.
2. Prática pedagógica; Literatura.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Laura (org.) et. al. **Reflexões e práticas para aulas de português**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2023. E-book (PDF). ISBN 978-85-8413-386-4.

APRESENTAÇÃO

Este livro compõe-se de duas partes. A primeira, intitulada “Reflexões para aulas de Português”, apresenta considerações acerca dos fraseologismos, cor-deís nordestinos e a sala de aula, elaborada por Laura Camila Braz de Almeida e Marcela Moura Torres Paim.

Na segunda parte, denominada “Fichário de tarefas para aulas de português”, há 17 fichas que contêm atividades sobre elementos da descrição. Para isso, foram convidados professores de diferentes âmbitos escolares: universidades e escolas públicas de diversas regiões de nosso país, considerando-se tanto os que já atuam em sala de aula como também aqueles que se encontram em sua formação inicial.

A publicação *Reflexões e práticas para aulas de português* se faz graças ao financiamento recebido da Universidade Federal de Sergipe, à qual registramos nossos agradecimentos. Convidamos a todos à leitura de temas relevantes para o ensino de Língua Portuguesa.

Laura Almeida
Alberto Roiphe
Marcela Paim
Kaline Mendes
(Organizadores)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
PARTE I: REFLEXÕES PARA AULAS DE PORTUGUÊS	
Fraseologismos, Cordéis Nordestinos e a Sala de Aula.....	8
Laura Camila Braz de Almeida Marcela Moura Torres Paim	
PARTE II: FICHÁRIO DE TAREFAS PARA AULAS DE PORTUGUÊS COMO E POR QUE UTILIZAR AS FICHAS DE TAREFAS	73
FICHA 1 CARACTERIZANDO PERSONAGENS	
Arly Cristina Bastos Silva	74
FICHA 2 DESCOBRINDO DO CONTO	
Lídia Maria da Silva Freire	75
FICHA 3 DESCREVENDO SENSações DE RELAXAMENTO E ENTREGA O CORPO EM FOCO	
Adriane Ogeda.....	77
FICHA 4 DESCRIÇÃO DE OBJETO	
Janine Araujo da Silva, Wesley da Silva Santos e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda	78
FICHA 5 DESCRIÇÃO DE PRODUTOS EM ANÚNCIO PUBLICITÁRIO	
Valéria Severina Gomes.....	79
FICHA 6 DESCRIÇÃO PELA BOCA DE JAMBU	
Davi Pereira de Souza	80
FICHA 7 DESCRIÇÃO PSICOLÓGICA DO PERSONAGEM	
Maria Irene dos Santos André e Pedro Santos da Silva	81

FICHA 8 ENCONTRANDO SEMELHANTES DESCRIÇÕES Jânio Vieira dos Santos	82
FICHA 9 ENXERGAR ALÉM DA CENA Rosineide Andrade	84
FICHA 10 MODOS DE DESCREVER A PARTIR DE ADJEITOS Claudia Roberta Tavares Silva	85
FICHA 11 O PAPEL DO ADJETIVO NA DESCRIÇÃO Clédia Santos	86
FICHA 12 PELA JANELA Marcela Fernandez.....	87
FICHA 13 RETRATO FALADO Alba Valéria Tinoco Alves Silva.....	88
FICHA 14 TECENDO A DESCRIÇÃO Edna Caroline Alexandria	89
FICHA 15 TIPOLOGIA DESCRITIVA – ROLETA DA DESCRITAÇÃO Carlene Ferreira Nunes Salvador.....	90
FICHA 16 UM APÓLOGO Kaline Mendes e Laura Almeida.....	91
FICHA 17 ZOOM NA ESCRITA Alberto Roiphe	93



PARTE I:

**REFLEXÕES
PARA AULAS DE
PORTUGUÊS**



FRASEOLOGISMOS, CORDÉIS NORDESTINOS E A SALA DE AULA



Laura Camila Braz de Almeida (UFS)

profa.laura.almeida.ufs@gmail.com



Marcela Moura Torres Paim (UFRPE)

marcela.paim@ufrpe.br

INTRODUÇÃO

8 Os estudos sobre os fraseologismos e sobre a literatura de cordel sergipana foram desenvolvidos a partir das leituras a serem apresentadas na fundamentação teórica. Para a aplicação do fraseologismo em sala de aula, os textos de Mejri (1997), de Monteiro-Plantim (2009) e de Baptista (2012) foram muito relevantes para pensar sobre a aplicação do fraseologismo em sala de aula. Essa ação foi realizada com a elaboração de uma sequência didática aplicada em sala de aula de uma disciplina da graduação da supervisora do estágio de Pós-doutorado, Marcela Moura Torres Paim, realizada em 2019.2, na Universidade Federal da Bahia.

No que se refere à literatura de cordel, os textos de Roiphe (2011) estão muito relacionados à questão da aplicação da literatura de cordel em sala de aula desde a compreensão leitora a partir da xilogravura até a interpretação dos fraseologismos presentes no cordel.

Cada etapa é uma etapa. A sequência didática e os exemplos de cordel evidenciam o quão é essencial a relação entre a literatura de cordel e os fraseologismos. Além disso, mostram que, ao usar o cordel em sala, é possível englobar todas as disciplinas no ensino médio e fundamental.

ENTENDENDO A TEORIA

Fraseologia

Na corrente francesa, Meiri (1997) conceitua a Fraseologia como uma disciplina independente, responsável pelo estudo das combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomaticidade, que sejam polilexicais e que constituam a competência discursiva dos falantes. A Fraseologia, para esse estudioso, é um fenômeno linguístico que abrange a congruência e a fixação. A primeira trata do pareamento entre unidades lexicais em sua sequência sintagmática (em todos os níveis: fonológico, morfológico, sintático e semântico) e entre enunciados e a situação de enunciação (dimensão pragmática). A segunda envolve os fenômenos relacionados à estabilização das formas utilizadas e à sua fixação no uso.

São cinco características extremamente importantes para definir uma combinação de palavras como uma unidade fraseológica. De acordo com Meiri (1997), esses distintivos são:

1. ser formada por várias palavras (polilexicalidade);
2. estar institucionalizada, ou seja, convencionada devido ao uso frequente;
3. possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem fixa;
4. apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas;
5. ser passível de modificações nos elementos que as integram, já que as sequências podem passar de livres para fixas gradualmente e quase que imperceptivelmente. Esse traço chama a atenção para a noção de *continuum* no seu tratamento.

O resultado são unidades de um novo tipo, as unidades polilexicais, que apresentam o aspecto idiomático à proporção que surgem através dos tipos de categorização cognitiva pela junção de palavras do idioma.

Monteiro-Plantin (2014) considera que a Fraseologia:

Trata-se de uma disciplina independente, relacionada a todos os níveis de análise linguística (do fonético ao discursivo-pragmático), cujo objetivo é o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais

palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente. (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 34)

A Fraseologia, conforme a autora, estuda a combinação de unidades léxicas estáveis que evidenciam a competência discursiva do falante tanto de língua materna como em língua estrangeira. Assim, essa área de estudo está atrelada ao uso da língua.

Optamos pela denominação unidades fraseológicas, para designar as unidades linguísticas que constituem o objeto de estudo da Fraseologia, por considerarmos tal hiperônimo suficiente para abarcar: sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina ou cristalizadas, locuções fixas, frases feitas, clichês, chavões e colocações. (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 34)

10 Essa autora ressalta a denominação de unidades fraseológicas para as unidades que constituem o objeto de estudo da Fraseologia. Nesse contexto, pode-se envolver a questão do uso da língua e a tradução dessa unidade fraseológica com uma unidade lexical.

Beike (2020) desenvolveu um estudo a partir de exemplos de fraseologismos diversos em pomerano e em alemão com alguns ditados e versos rimados. A autora resolveu adotar marcas tipográficas para padronizar os tipos de traduções dos fraseologismos. Por sua vez, na construção dos seus dados, pode-se encontrar os seguintes aspectos:

Toda vez que a tradução estiver precedida de um asterisco, tratar-se-á de uma tradução literal. Toda vez que a tradução estiver entre aspas tratar-se-á de um significado. Por fim, toda vez que a tradução estiver em itálico tratar-se-á de uma versão pomerana para um fraseologismo já existente ou uma equivalência fraseológica portuguesa ou alemã. Ressalvamos ainda que embora reconheçamos a relação entre significados e culturemas, sentidos e subjetividades, fazemos essa convenção apenas por uma questão de organização textual. (BEIKE, 2020)

Nesse sentido, é necessário refletir sobre a criação de um dicionário. Ao se pensar em tradução para uma outra língua, é importante explicar em

que contexto ela acontece. Ao organizarmos o exemplário, com a estrofe do cordel em que a unidade fraseológica acontece, pôde-se perceber o significado atrelado ao uso da língua. Com as unidades fraseológicas presente nos cordéis utilizados nesse estudo, pôde-se perceber o quanto é importante uma pesquisa voltada para as unidades fraseológicas e o significado delas.

Esse exemplário foi organizado com as unidades fraseológicas presentes nos cordéis lidos. Foram feitas entradas, seguindo a metodologia de Paim *et al* (2018). Especificamente, optou-se por apresentar as entradas, conforme cada cordel analisado, obedecendo a seguinte estrutura:

- Unidade fraseológica (apresentada por cordel e com grifos do autor);
- Informação gramatical (classificação do sintagma (nominal ou verbal) bem como a sua composição (nome+nome; verbo+nome; dentre outras possibilidades de estruturas. Ou também informação do enunciado autônomo (provérbio; ditado popular; fórmulas; citações)
- Definição por meio de texto definitório acerca da unidade fraseológica em questão.
- Dicionário onde foi encontrado o significado. Quando não registrado em dicionário, foram realizadas entrevistas com informantes sergipanos com o intuito de conseguir o significado.
- Título do Cordel, autor e a estrofe onde essa expressão acontece.

11

A seguir, estão dois exemplos:

Fazia fuxicamento. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + nome). 3. Falar da vida dos outros, dedurar. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça

Chegava a reclamação
Do que ele aprontava
Esbagaçava o que via
Aos idosos judiava
Fazia fuxicamento
E nesse padecimento
A molecada apanhava (p. 7)

Passou sebo nas canela. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + nome + preposição + artigo + nome). 3. Correr muito. 4. Tesouro da Fraseologia de Antenor Nascentes (1982). 5. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça

Como não tavam aguentando
Tomaram uma decisão
Que o padre fosse embora
Ou caia no facão
Esse abriu a cancela
Passou sebo nas canela
E sumiu no estradão (p.10)

Alguns fraseologismos não foram encontrados em dicionário, outros estão registrados em Nascentes (1986) e em Xatara (2020). Com essa pesquisa, pode-se perceber que a definição de unidades fraseológicas em dicionário é reduzida. Quando a unidade fraseológica não foi encontrada em dicionário, conseguiu-se o significado encontrado com pessoas naturais de Sergipe.

12

Segundo Mejri (1997), as unidades fraseológicas podem corresponder a unidades de tradução. Os membros das unidades fraseológicas não podem ser traduzidos individualmente, porque não vão constituir sentido para essa unidade fraseológica a ser traduzida. O sentido da unidade fraseológica é construído em conjunto dessas unidades lexicais.

Neste caso, seria difícil não considerar essa dimensão lexical. Esse tipo de unidades veicula em sua maioria conotações (inferências) de todos os tipos, envolvendo o cultural, em contextos específicos, como os de fins humorísticos, e devem ser levadas em conta em qualquer tradução.

Desse modo, Paim e Oliveira (2018) destacam que o conteúdo semântico do texto e sua estrutura geral, envolvendo sua coerência e sua coesão, estão relacionados com a dimensão fraseológica. Nesse sentido, esse aspecto requer o uso de adaptações ou operações de reescrita que procuram manter o essencial do significado inicial pretendido, mesmo à custa de alguns ajustes em aspectos do texto original.

Há uma grande variedade terminológica para se referir ao objeto de estudo da Fraseologia. Na perspectiva francesa, o principal critério para a consideração de um elemento como Unidade Fraseológica (UF) é o da polilexicalida-

de. Segundo Gross (1996), a primeira condição relevante a fim de que se possa falar de fraseologismo é que se esteja na presença de uma sequência de várias palavras e essas palavras tenham uma existência independente.

No que diz respeito a equivalências monolexicais e polilexicais, Sfar (2010, p. 162) comenta que a equivalência entre essas unidades é um ato que apresenta problema, porque ele implica, por sua vez, as propriedades morfológicas e as propriedades sintático-semânticas da língua em questão. Se os dicionários bilingues fornecem equivalentes isolados, é porque utilizam unidades monolexicais sem emprego. No entanto, a mesma unidade lexical, quer seja monolexical ou polilexical, tem potencialidade de emprego múltiplo. A tradução dessas unidades não pode ignorar a dimensão contextual e discursiva.

Paim e Oliveira (2018) destacam que a polilexicalidade diz respeito ao número de elementos na construção fraseológica. Para ser considerado fraseologismo, a unidade fraseológica deverá ser formada por pelo menos duas unidades lexicais, armazenadas na memória como um bloco. Nesse contexto, a fixação refere-se à relação entre a mobilidade e a variação dos constituintes de uma unidade fraseológica e o processamento da linguagem verbal. Assim, enquanto característica formal, a fixação pode manifestar-se por meio de restrições: no eixo sintagmático – restrição para flexões, pronominalizações e passivização; no eixo paradigmático – restrição para comutação de termos e inserção de novos elementos.

Mejri (1997) desenvolve esse estudo do processo de fixação (*figement*) dessas unidades, contemplando vários elementos e elucidando o processo de fixação de unidades sintagmáticas livres que se tornam unidades sintagmáticas que não podem ser dissociadas. Para Sfar (2010), não se pode analisar uma unidade fraseológica a partir de seus itens isoladamente. Essa questão ocorre porque a fixidez é o processo pelo qual as formações sintagmáticas têm, no seu conjunto, uma sintaxe interna correlacionada com o significado global.

Paim e Ribeiro (2018) desenvolveram um estudo sobre a presença de fraseologismos nas entrevistas dos informantes, oriundos das capitais nordestinas, vinculados ao uso do *corpus* do Projeto ALIB. Como já apresentado, as unidades fraseológicas são combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua

materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos. Elas desenvolveram essa pesquisa, utilizando o questionário do Projeto ALiB, com as respostas obtidas para a questão referente à pessoa sovina “como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?” – *mão de vaca, mão-fechada, pão-duro e unha de fome*. No que diz respeito aos fraseologismos analisados, as autoras puderam fazer algumas considerações: as criações lexicais analisadas contemplaram a polilexicalidade; as unidades fraseológicas refletiram uma expressão cristalizada, cujo sentido geral não era literal. Assim, as designações enfocadas possibilitaram documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil.

De acordo com Mejri (1997), apenas os lexicógrafos têm reservado um certo lugar em seus dicionários. Em Gross (1982), estão as primeiras descrições relativamente abrangentes de sequências fixas. O desenvolvimento dessa pesquisa mostra que este fenômeno é bastante sistêmico e que é a expressão de um dos dois princípios que regem a combinação das palavras: a liberdade combinatória e a fixação da combinação.

14

Xatara (2004, p. 267) desenvolveu uma pesquisa sobre as unidades fraseológicas e terminológicas em dicionários bilíngues gerais com o objetivo de analisar a real pertinência de se construir dicionários especiais e para mostrar a elaboração de dicionário bilíngue temático ilustrado e o registro dessas unidades. Com esse estudo, a autora ressalta

estabelecida a nomenclatura definitiva em português desses dicionários temáticos ilustrados, que está sendo vertida para as línguas estrangeiras, pudemos verificar que não houve espaço para nenhuma unidade fraseológica da língua geral que abordasse o sentido conotativo. (XATARA, 2004, 272)

É necessário que haja mais pesquisas relacionadas a elaboração de dicionários bilíngue e monolíngue voltados para as unidades fraseológicas. O motivo para essa ação de um dicionário monolíngue é o país ter uma variedade linguística muito grande e culturas muito diversas. É necessário conhecer o significado das unidades fraseológicas sendo utilizadas na língua portuguesa.

A Fraseologia pode ser estudada em diferentes áreas (a literatura, a política, a economia), em vários aportes aplicados:

- o ensino/ aprendizagem das línguas estrangeiras, baseado na didática das unidades fraseológicas;
- o tratamento automatizado das línguas: as bases de dados e a extração automática das sequências fixas;
- a tradução e o contrastivo;
- a lexicografia: elaboração de dicionários de fraseologismos (em meio impresso e digital).

A Fraseologia pode ser estudada em diversas áreas (a literatura, a política, a economia), em vários aportes aplicados, como o ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras ou a didática para o ensino/aprendizagem do fraseologismo. As unidades fraseológicas encontradas no Cordel servem de base para o planejamento da aula em língua portuguesa. Além disso, é discutida a questão da estigmatização dessa literatura e da diversidade da língua em sala de aula. Monteiro-Plantin (2014, p. 109) comenta:

Professores de língua estrangeira já reconhecem a importância do ensino das UFs, embora se ressintam da falta de orientação didática para a concretização de um ensino que possa propiciar ao aprendiz um conhecimento linguístico suficiente para a participação em interações cotidianas (saudação, agradecimento, acordo, desacordo, polidez...). Já no caso dos professores de língua materna, constatamos que, além da escassez de material didático, encontramos, ainda, orientações expressas para evitar o uso de algumas UFs, tais como provérbios, ditos populares e expressões idiomáticas, em produções textuais, com a justificativa de que elas demonstrariam falta de criatividade e até preguiça mental. (MONTEIRO PLANTIN, 2014, p. 109)

15

O ensino de língua estrangeira está muito voltado para o uso da língua. Já o ensino de língua portuguesa ainda costuma enfatizar a gramática em primeiro lugar. Com a didática para o ensino do fraseologismo, serão criadas sequências didáticas, voltadas para a leitura e o uso comunicativo do cordel. Há, nesse sentido, destaque para o ensino da língua com ênfase na abordagem comunicativa e intercultural tanto de português como língua materna como de português como língua estrangeira. Aqui se confirma que é importante e que o trabalho com os fraseologismos precisa ser feito.

Do ponto de vista formal, língua é um conjunto de sinais e das regras de combinações desses sinais, do qual fazem uso os membros de uma comunidade linguística em suas interações. Tais interações têm como objetivo partilhar dos sentidos atribuídos pelo(s) enunciador(es) na recepção (escuta e leitura), e atribuir sentidos a serem partilhados no processo de produção (fala e escrita).

Sob o ponto de vista comunicacional, uma língua é um conjunto de variedades, que está constantemente sujeita a mudanças, em todos os níveis (do fonético ao pragmático-discursivo). Entende-se por variedades as formas que se encontram em competição diacrônica (variação cronológica), competição diastrática (social) e competição diatópica (espacial).

Monteiro-Plantin (2014, p. 112) comenta que, ao se propor a integração das Unidades Fraseológicas, como objeto de estudo no desenvolvimento da competência discursiva, sugere-se mais uma forma de superação do ensino de repasse de conteúdos gramaticais dispersos e descontextualizados.

16 Ao se estudar uma determinada língua, os contextos socioculturais em que ela acontece são instrumentos básicos e determinantes de suas variações. Aragão (2016, p. 39) destaca que língua, cultura e sociedade são inseparáveis. No caso do léxico, especificamente, essa afirmação é muito mais verdadeira, já que toda visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.

A autora, em artigo publicado em 2016, assevera que, a partir das relações entre a Lexicologia, a Lexicultura e a Fraseologia, representando cada uma delas, a língua, a sociedade e a cultura, é importante destacar que a língua é o elo entre elas. Aragão (2016) comenta: “a visão de mundo, as crenças, as ideologias e as formas de expressão dessa sociedade com sua cultura são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, tornando evidente e guarda as marcas sociais e culturais daquela comunidade que a utiliza.” (ARAGÃO, 2016). Desse modo, pode-se perceber que a língua é a base para análise da cultura e da sociedade.

Ortiz Alvarez (2010, p. 191) afirma:

O reflexo da cultura na língua se produz principalmente através do léxico, que consiste num conjunto de saberes sociolinguísticos e culturais compartilhados pelos integrantes de uma dada comunidade e revela o modo como seus integrantes interpretam e repre-

sentam a sua realidade, como a modificam de acordo com o percurso histórico da comunidade. (ORTIZ ALVAREZ, 2010)

A unidades fraseológicas são reflexo da cultura de uma sociedade. Através da análise de frases proverbiais e expressões idiomáticas, por exemplo, a prática da oralidade pode ser um caminho para se ter fluência nas mais diversas situações, ultrapassando a conversação espontânea. Tais enunciados podem ser recolhidos e apresentados diante de um indivíduo ou de um conjunto plural de interlocutores; em atividades de transmissão de informações, de exposição de ideias, de troca de opiniões, de defesa de ponto de vista e de representação de diferentes realidades. Monteiro-Plantin (2014, p. 112) ressalta que:

O respeito a diferentes variedades linguísticas não exige os indivíduos de aprenderem a adequar a linguagem às circunstâncias (aos interlocutores, ao assunto, às intenções), utilizando a norma padrão oral quando isso for necessário, aproveitando os imensos recursos expressivos da língua. Para tanto, faz-se necessária uma reflexão sobre regularidades e irregularidades do sistema linguístico (risco de vida / não adianta / se não for os bobo, os otário não vive / quanta estupidez / que lindeza / cuidado com as mau companhia). Em relação à competência fraseológica, gostaríamos de ressaltar ainda o papel da memória semântica ao possibilitar inferências no tratamento de UFs idiomáticas. (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 112)

17

Nesse contexto, o desenvolvimento de pesquisa de Pós-doutorado na área de Fraseologia associado à literatura de cordel é viável. Será utilizado o cordel para a constituição do *corpus* da pesquisa, por ser um instrumento de manifestação da cultura popular nordestina e, mais precisamente, sergipana. O *corpus* constituído, nessa pesquisa, pode ser utilizado, também, para a construção de sequências didáticas para serem usadas em aulas de língua portuguesa como língua materna e como língua estrangeira.

No processo de ensino de língua, Canale (1995, p. 67) comenta que um dos objetivos de línguas é favorecer o desenvolvimento da competência intercultural e linguístico-comunicativa. Além disso, o ensino de léxico é um dos principais desafios no processo de ensino/aprendizagem de língua baseado nessa abordagem comunicativa.

Por sua vez, Carneiro (2017) comenta que “O que caracteriza o ‘falante ingênuo’ é justamente não saber o que é convencional em dada língua, o que leva o falante a soar pouco natural em suas manifestações linguísticas, mesmo que os seus enunciados estejam gramaticalmente adequados”. Com a variedade da língua, pode haver unidades fraseológicas que não são comuns em todo país. Mesmo que falemos a língua portuguesa, há unidades fraseológicas de uma região que não são comuns numa outra região. Quando há naturalidade no uso da unidade fraseológica, o falante deixa de ser “ingênuo”.

Esse comportamento no ensino da língua tanto pode acontecer no ensino de língua materna como no de língua estrangeira. É preciso trabalhar as unidades fraseológicas envolvendo a abordagem comunicativa e intercultural.

Ainda nesse contexto, Baptista (2012, p. 33) afirma que se a competência sociolinguística é essencial para a interpretação de enunciados por seu significado social, função comunicativa e atitude, ela envolve o uso da língua em uma dimensão social e cultural e compreende regras socioculturais de uso e regras de discurso. O domínio do código linguístico está extremamente atrelado ao conhecimento e ao uso das regras de adequação do significado ao contexto comunicativo e dos elementos de coesão e de coerência do discurso.

É importante atrelar a esse contexto a cultura. Ortiz Alvarez (2010, p. 211) menciona que o êxito da comunicação intercultural pressupõe a produção de mensagens em dada cultura. A integração entre o ensino de língua e cultura proporciona a aprendizagem da competência linguístico-comunicativa e a sensibilidade cultural.

Baptista (2012, p. 36) desenvolve um estudo voltado para as unidades fraseológicas e sua aplicação didática. É ensino baseado na abordagem comunicativa e as situações de uso dessas unidades fraseológicas. Ela desenvolveu sua pesquisa, baseando-se nos seguintes autores: Zuluaga (1980), Tagnin (1989), Corpas Pastor (1996), Sevilla Muñoz (1999), Penadés Martínez (1999) e Ortiz Alvarez (2011;2010):

- Zuluaga (1980) denominou idiomaticidade a essas expressões. Uma unidade fraseológica ou forma fixa, como as expressões idiomáticas, faz parte do saber linguístico da comunidade.
- Tagnin (1989) nota que há diferenças entre algumas dessas formas, entre expressões idiomáticas e as colocações. Ambas representam pontos de dificuldade de aprendizagem.

- Corpas Pastor (1996, p. 50) demonstra uma visão ampla da Fraseologia e aborda os fraseologismos do espanhol em três âmbitos: colocações, locuções e enunciados fraseológicos (parêmsias e fórmulas rotineiras).
- Sevilla Muñoz (1999) menciona que, na língua, existe uma variedade de termos empregados para denominar as unidades linguísticas caracterizadas por sua como fixa, como exemplo, expressões idiomáticas, modismos, locuções, frases feitas, provérbios, frases proverbiais.
- Penadés Martínez (1999) prefere usar o termo unidades fraseológicas ao referir-se a essas formas fixas e comenta as colocações, expressões ou unidades pluriverbais, lexicalizadas ou habituais e unidades léxicas pluriverbais.
- Ortiz Alvarez (2011, p. 306) destaca que as expressões idiomáticas são unidades plurivocabulares ou polilexicais. Ademais, essa autora (2010, p. 214) menciona que as expressões idiomáticas podem exercer diversas funções dentro de um texto, como, por exemplo, elas podem sugerir ironia.

Desse modo, é relevante considerar que o conhecimento e o emprego adequado das expressões idiomáticas pressupõem o domínio e a habilidade de uso de determinadas regras de organização e adequação discursiva e pragmática da língua. Baptista (2012, p.38) afirma que os aprendizes, ao usar as expressões idiomáticas, poderão interpretar que os sentidos se modificam e não serão limitados a uma compreensão literal. É a língua acontecendo com os usos comunicativos.

A cultura, o ensino e a fraseologia estão atrelados e a língua é o elemento comum entre eles, afinal a cultura influencia a língua e as unidades fraseológicas também são o seu reflexo. Assim, o aprendiz só vai entender um provérbio ou outras unidades fraseológicas ao conhecer a cultura da língua e só conseguirá aprendê-la ao compreendê-la e usá-la num contexto comunicativo.

Ortiz Alvarez (2010, p. 215) constata que há carência de investigações que indiquem quais seriam os tipos de expressões idiomáticas que deveriam ser ensinadas em cada nível, bem como a ausência de materiais específicos de apoio. Ademais, os alunos encontram várias formas de textos orais e escritos e necessitam compreender as unidades fraseológicas para empregá-las adequadamente em suas interações. Essa é uma característica da competência

comunicativa. Quando o aprendiz usa as expressões idiomáticas na comunicação, há fomento na interação social.

O Cordel

Tomando como parâmetro o nível lexical, foram analisadas as unidades fraseológicas usadas no cordel de autores sergipanos.

Figura 1: **Corpus** da pesquisa



Fonte: Acervo das autoras

Figura 2: Reunião com a cordelista Isabel Nascimento



Fonte: Acervo das autoras

Figura 3: Sala de Literatura de Cordel do Museu da Gente Sergipana



Fonte: Acervo da autora

A literatura de cordel é a literatura e a cultura popular do seu povo. Com a leitura do cordel de autores sergipanos, o leitor conhece um pouco da história, da geografia, da cultura e da variedade linguística da região. Foi por isso que o cordel foi selecionado para buscar as unidades fraseológicas de Sergipe.

21

Lemaire (2015, p. 12) comenta que “Movência, tradução do francês *mouvance*, tornou-se palavra-chave do grande debate pós-modernista internacional e interdisciplinar sobre oralidade e escrita (...) nos estudos da literatura medieval em língua românicas”. A autora comenta que literatura medieval não é uma literatura escrita, mas uma literatura em voz. A seguir, ela comenta essa relação com a literatura de cordel.

a associação imediata da palavra movência é com conceitos como: dinamismo e evolução e também com o de mobilidade, interente à produção de textos transmitidos pela voz humana em contextos de *performance*. a proposta para essa mudança radical do paradigma científico, rejeitada pela maioria dos especialistas das literaturas medievais em língua românicas, chegou tardiamente no Brasil, traduzida em língua brasileira por especialistas de literatura de cordel e só muito lentamente está entrando nos estudos de letras e nos de cordel atualmente. (LEMAIRE, 2015, p. 13)

A literatura de cordel é parte da cultura do lugar onde ela é produzida porque é espelho do que acontece e/ou já aconteceu do lugar. É reflexo da sociedade. Ter a oralidade como sua base evidencia muito a história, a cultura, o comportamento social. É desse modo que unimos a pesquisa dos fraseologismos na literatura de cordel, porque há, nesse sentido, a língua em uso. Os provérbios são marcas desse traço da língua.

O Provérbio é presente nos cordéis. Ele é um dos exemplos de unidade fraseológica. Segundo Monteiro-Plantim (2014, p. 67), um dos principais traços dos provérbios é a transmissão de uma lição, ensinamento ou conselho de forma independente, impessoal e atemporal, sem o comprometimento direto do enunciador. Ao usar um provérbio, o enunciador não se compromete, porque não é o autor do enunciado. Ademais, cabe ao interlocutor aceitar ou não a proposição como uma crítica a sua conduta.

Provérbios e Ditados apresentam o mesmo conceito. Conforme Fernandes (2019), “os Provérbios e Ditados são frases curtas que têm a função social de aconselhar e advertir, ao mesmo tempo que transmitem ensinamentos.” São considerados como objetos da sabedoria popular e estão presentes em todas as culturas do mundo. Tanto os provérbios, como os ditados, surgem das interações cotidianas, o que faz com que seus autores sejam anônimos. De tradição oral e presente no cotidiano, provérbios e ditados fazem parte da cultura popular brasileira e do folclore. Um dos exemplos de provérbio nos cordéis lido foi “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Ele está no cordel **Mãe e Filha** de Ana Santana e Izabel Nascimento.

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Esse provérbio diz respeito à persistência para vencer os obstáculos. Ou seja, a erosão causada nas rochas pela água é fruto da insistência de bater diversas vezes no mesmo ponto, o que acaba furando a pedra.

Pedro escrevia soneto
Cordel, Poema, Canção
Eu lia os escritos
E fazia correção
**“Água mole em pedra dura
Tanto bate até que fura”**
Aprendi a lição. (pag. 07)

Outra questão relevante, também, é a atemporalidade dos provérbios. Ela é garantida pela possibilidade de atualização/adaptação de seu conteúdo semântico, sem carecer do conhecimento de suas condições iniciais de produção. A atemporalidade dos provérbios é garantida pela possibilidade de atualização/adaptação de seu conteúdo semântico, sem carecer do conhecimento de suas condições iniciais de produção.

Há, a seguir, um trecho de um cordel de Arievaldo Viana, para contextualizar um pouco quem é “Seu Lunga” – Título “Discussão de Seu Lunga com um corno”:

Certa feita o Antenor
Andando bem distraído
Encontrou-se com ‘Seu Lunga
E fez um alarido,
Tirou do seu matuião
Toda a vasta coleção de cordéis que tinha lido.

Disse: ‘Seu” Lunga, o senhor
É uma grande autarquia
Mais de vinde cordelistas
Já narram em poesia
As suas belas piadas,
Suas respostas bem dadas
E a sua biografia!

- Não venha com anarquia!
Disse ‘Seu” Lunga afobado,
Aí não tem poesia
Só verso de pé quebrado,
De sujeito oportunista
Que afirma ser cordelista
Porém **não vale um cruzado!**

No cordel apresentado, há o ditado popular “não vale um cruzado”. Com a leitura desse cordel, a compreensão acontece com o contexto do texto. O significado é o seguinte: o sujeito oportunista não possui valor algum.

Um outro exemplo encontrado está no cordel de Izaías Gomes de Assis intitulado Provérbios Populares em cordel:

Vou falar nesse cordel
Que está começando agora
Dos adágios populares
E começo sem demora
Como meu avô dizia:
Quem cochila perde a hora.

Os adágios são relacionados ao conceito do cordel, porque ele está relacionado a uma sentença moral de origem popular; anexim, ditado, provérbio. Esse conceito foi encontrado no dicionário Aurélio *on line*. Há, também, nesse cordel, o provérbio “Quem cochila perde a hora”. Com a leitura desse texto, é possível compreender o significado desse cordel, como ‘não perder tempo’, ao autor mencionar “começo sem demora”.

24 Com esse exemplo, pode-se perceber que as unidades fraseológicas são como elementos prontos para uma série de reflexões de cunho social, etnológico, cultural e linguístico. O significado da unidade fraseológica “dar figa” presente no cordel “A dor de barriga” de Ana Nascimento foi encontrado ao conversar com pessoas de Sergipe. Eu não conhecia o significado dessa expressão e aprendi com o cordel e com essas pessoas com quem conversei. Essa unidade fraseológica mostra a cultura desse gênero textual.

Dou figa. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + nome). 3. Pedido de proteção, “Que Deus me livre”. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. A dor de barriga. Ana Santana do Nascimento

Dor nenhuma é agradável
Quem já sofreu que o diga
É o pior desconforto
Credo em cruz, Jesus, **dou figa**
E principalmente quando
Aos poucos vai aumentando
Aquela dor de barriga. (p. 01)

O cordel é um texto escrito que provém da oralidade. É um texto que tem sonoridade e que pode ser cantado. Como os provérbios fazem parte da cultura brasileira, esse gênero é um texto relevante para análise nessa pesquisa.

Roiphe (2011, p.113) caracteriza o folheto de cordel como um gênero verbo-visual. Ele desenvolveu esse estudo para auxiliar o trabalho do professor em sala de aula e para contribuir para os pesquisadores interessados nessa manifestação cultural, popular, nordestina e brasileira.

Para que se possa comprovar o reconhecimento do folheto de cordel como um gênero verbo-visual, é preciso observar que, em sua contribuição física, os folhetos de cordel, originalmente, passaram a ter gravadas em suas capas –, impressas em papel manilha branco, rosa, azul, verde etc –, além de título e do nome de seu autor, xilogravuras, isto é, gravuras em madeira diretamente relacionadas a narrativa, muitas vezes produzidas pelo próprio poeta popular. Além das xilogravuras, desenhos e fotografias passaram ainda a constituir as capas dos folhetos, o que permite assim classificá-lo também como gênero visual. (ROIPHE, 2011, p.113).

Assim, pode-se perceber que o folheto de cordel é um gênero que se caracteriza pela presença da linguagem verbal e da linguagem visual, simultaneamente, em sua composição. Desse modo, trata-se de um gênero verbo-visual.

Esse autor comenta, também, que, a partir de 1893, o poeta Leandro Gomes de Barros passou a desenvolver folhetos, estabelecendo uma forma escrita, para o que já existia oralmente e que acabou sendo comercializado nas feiras e nos mercados nordestinos. A comercialização dos folhetos teria dado origem à terminologia portuguesa, visto que os cordéis lusitanos eram, realmente, pendurados em cordões. Já os folhetos nordestinos, a exposição acontecia em tecidos estendidos no chão.

Silva (2020) desenvolveu um trabalho com o gênero cordel em sala de aula com duas turmas do 6º semestre de Letras. Imerso em preconceitos que envolvem os textos denominados como populares, a autora ressalta que o cordel tem o seu espaço negado no trabalho com gêneros textuais, apesar de constar inclusive nos PCN. O curso de Letras propõe-se desenvolver a formação docente com o propósito de apresentar possibilidades para o trabalho com leitura e escrita a partir do enfoque de gêneros textuais diversos. Por sua vez, vai contribuir para a formação de leitores eficientes. Ela desenvolveu uma pesquisa, fazendo a inserção do cordel no trabalho com gêneros textuais e abordou uma produção tipicamente nordestina. Desse modo, os sujeitos envolvidos nesse estudo se identificaram com os elementos que caracterizam o contexto sociocultural do cordel.

A literatura de cordel é reflexo da sociedade. Nos cordéis, estão a história de um povo, os seus costumes, as suas crenças. As unidades fraseológicas fazem parte de todo esse contexto.

Uma pesquisa interdisciplinar como essa, envolvendo a literatura de cordel e os fraseologismos, vai contribuir muito para professores de língua portuguesa, não só para a formação docente de graduandos em Letras, como também vai enriquecer as pesquisas de alunos da pós-graduação.

As sequências didáticas das unidades fraseológicas foram construídas com alguns procedimentos sugeridos por Penadés Martinez (1999): 1. Definir a unidade fraseológica; 2. Buscar correspondências fraseológicas; 3. Redigir um texto do qual se possam extrair unidades fraseológicas.

Foi feita a leitura de cada um dos cordéis selecionados para fazer o levantamento das unidades fraseológicas e o significado de cada uma delas. Esses cordéis selecionados para essa pesquisa estão listados a seguir:

1. **Grupo Vocal Vivace: “Sergipe, Amor e Forró! -É proibido cochilar”**
- Izabel Nascimento
2. **Cordel de Mãe e Filha.** Ana Santana e Izabel Nascimento
3. **Receita da boa mulher.** Isabel Nascimento.
4. **A dor de barriga.** Ana Santana do Nascimento
5. **As proezas dos irmãos Virgílio e Florisval.** Maria Salete da Costa Nascimento.
6. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça.
7. **Velho Chico: Guerras, Lendas, Bandidos e Heróis do Rio São Francisco.** Carlos Mendonça.
8. **A Feira de Itabaiana: A mais importante, folclórica e tradicional feira do Nordeste.** Carlos Mendonça.
9. **A mulher que se casou dezoito vezes...** Valeriano Feliz dos Santos.
10. **Lampião - coisas do cangaço.** Ronaldo Dória Dantas
11. **Cordel: Coisas do Sertão.** Ronaldo Dória.
12. **Uma mulher fofqueira.** Ronaldo Dória Dantas.
13. **As maldades de uma sogra encrenqueira.** Ronaldo Dória e João Firmino Cabral.
14. **O exemplo da moça que dançou com o diabo no inferno.** João Firmino Cabral.

15. Provérbios populares em cordel. Izaías Gomes de Assis: **Cordelista do Rio Grande do Norte.**

O cordel *A mulher que se casou dezoito vezes* de Valeriano Feliz dos Santos foi utilizado na disciplina de Língua Portuguesa II, no curso de design, na UFBA. Os alunos fizeram a leitura em voz alta e discutiram acerca da diversidade linguística encontrada nesse cordel.

Utilizamos também o cordel *As maldades de Uma sogra Encrenqueira* de Ronaldo Dória e João Firmino Cabral. Com essa leitura, elaboramos um jogo e aplicamos. Foram selecionadas unidades lexicais e unidades fraseológicas para os jogadores apresentarem sinônimos e antônimos desses exemplos apresentados. A sequência didática dessa atividade bastante produtiva está presente nesse relatório num tópico a seguir.

A aplicação dessa sequência proporcionou a percepção da musicalidade do cordel, a realização do jogo e a criação do cordel com a xilogravura. No dia da entrega do cordel, cada um mostrou sua xilogravura e fez a leitura, evidenciando como o cordel é uma obra literária muito relevante, porque é marca da nossa cultura.

27

Com esse estudo, construiu-se a sequência didática a partir das unidades fraseológicas da literatura de cordel de autores sergipanos. Com isso, foi feita a aplicação de estudos referentes aos fraseologismos no ensino de língua portuguesa como língua materna e como língua estrangeira. Assim, com esse conhecimento aplicado na formação docente dos alunos da graduação e do mestrado profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe e demais professores do ensino fundamental e médio do Estado de Sergipe vai haver a valorização da cultura de Sergipe ao abordar, no ensino, a diversidade sem estigma, com os cordéis de autores sergipanos.

Cordel Sergipano e as suas unidades fraseológicas

O estudo em questão é centrado em fraseologismos presentes em cordéis de autores sergipanos e a sua relação com o processo de ensino de Língua Portuguesa. Esta pesquisa está inserida na perspectiva de investigação lexical, constituindo uma análise comparativa da variação semântico-lexical em Sergipe, presente em cordéis de autores sergipanos para a formação do *corpus* dessa pesquisa.

O léxico de uma língua é formado por unidades heterogêneas que vão de vocábulos simples até sequências complexas formadas por vários vocábulos. De acordo com Mejri (2012, p.140), ainda não existem critérios teóricos uniformes para reconhecer e caracterizar estas unidades complexas e essa combinação de elementos que as formam. A Fraseologia é o termo usado tanto para se referir ao conjunto de fenômenos fraseológicos como para a disciplina estudada. Alguns pesquisadores a consideram como uma subdisciplina da Lexicologia. Porém, há outros que consideram como uma disciplina independente. Portanto, na literatura especializada, não há unanimidade entre os linguistas, no que diz respeito ao *status* dessa área, à delimitação das unidades que podem ser objeto de investigação e, tampouco, em relação à categorização dessas unidades.

Um trabalho como esse proporciona a realização de estudos comparativos, contribuindo para identificação e configuração de variantes linguísticas lexicais. É um estudo relevante, porque vai contribuir para a valorização da diversidade da língua com os dados encontrados na literatura de cordel.

Há necessidade da aplicação desse conhecimento teórico no processo de ensino de língua portuguesa. É essencial colocar em discussão a questão da estigmatização da diversidade da língua portuguesa e desenvolver a valorização do aspecto cultural da língua. Penadés Martínez (1999) critica a carência de obras específicas que tratem do ensino da Fraseologia e que apresentem propostas para o docente. Essa questão é pouco trabalhada em sala de aula e no processo de formação docente. A diversidade da língua tem que ser trabalhada como um uso comunicativo, com isso, a interdisciplinaridade da Dialetologia, discutida por Cardoso (2010), vai ser colocada em prática.

Nesse contexto, há a importância e a justificativa dessa pesquisa. Ao trabalhar com o levantamento de provérbios no cordel sergipano para o uso em sala de aula, essa ação vai proporcionar a valorização da cultura e vai contribuir para a formação docente de professores de português como língua materna e de português como língua estrangeira.

Baseando-se em obras produzidas por Zuluaga (1980), Tagnin (1989), Corpas Pastor (1996), Mejri (1997), Penadés Martínez (1999), Sevilla Muñoz (1999), Sfar (2010), Ortiz Alvarez (2010; 2011) e Monteiro-Plantin (2014), com esse estudo, pretendeu-se observar a teoria e as pesquisas referentes aos fraseologismos bem como o seu uso em aulas de língua portuguesa. O intuito geral foi descrever e analisar fraseologismos presentes em cordéis

de autores sergipanos e sua aplicação no ensino de língua. Decidiu-se delimitar esse objetivo com os seguintes tópicos: revisar os clássicos da teoria fraseológica, constituir o *corpus para as análises da pesquisa*, catalogar os dados levantados nos cordéis selecionados, analisar os dados coletados do ponto de vista linguístico (aspecto estrutural, semântico) e produzir uma sequência didática para o uso comunicativo das unidades fraseológicas encontradas nos cordéis sergipanos para serem aplicados em sala de aula. Essa sequência didática está em anexo e foi baseada no uso comunicativo e intercultural da língua, apresentado por Canale (1995), e está atrelada à “didática da fraseologia”, conforme Baptista (2012).

A seguir, estão as unidades fraseológicas analisadas nessa pesquisa. Depois disso, há a sequência didática produzida para explorar o cordel e os fraseologismos em sala de aula.

Unidades fraseológicas presentes no Cordel

Foram selecionados alguns cordéis de autores sergipanos para levantar as unidades fraseológicas. Foi feito assim, porque a literatura de cordel revela a língua em uso, o que possibilita mostrar a beleza da nossa variedade linguística por meio de fraseologismos, mostrando o enriquecimento cultural da língua portuguesa.

Conforme Paim et al (2018, p. 40), as diferentes unidades fraseológicas acontecem nas situações comunicativas. Com isso, contribuem para o funcionamento da linguagem. Essas unidades são sequências lexicais, que podem ser mais ou menos fixas.

A seguir, serão apresentadas as expressões fraseológicas encontradas nos cordéis de autores de Sergipe e de um autor do Rio Grande do Norte.

Exemplário de Fraseologismo da literatura de cordel

Este exemplário é organizado em entradas, seguindo a metodologia de Paim et al (2018). Nesta pesquisa, especificamente, optou-se por apresentar as entradas, conforme cada cordel analisado, obedecendo a seguinte estrutura:

1. Unidade fraseológica (apresentada por cordel, com grifos do autor);

2. Informação gramatical: classificação do sintagma (nominal ou verbal) bem como a sua composição (nome+nome; verbo+nome; dentre outras possibilidades de estruturas. Ou também informação do enunciado autônomo (provérbio; ditado popular; fórmulas; citações).
3. Definição por meio de texto definitório acerca da unidade fraseológica em questão.
4. Dicionário onde foi encontrado o significado. Quando não registrado em dicionário, foram realizadas entrevistas com informantes sergipanos com o intuito de conseguir o significado.
5. Título do Cordel, autor e a estrofe onde essa expressão acontece.

1. Grupo Vocal Vivace: “Sergipe, Amor e Forró! -É proibido cochilar”

Izabel Nascimento

Dorme no ponto. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + preposição + artigo + nome). 3. Ser passado para trás, pela própria negligência. 4. Site *Dicionário informal*. 5. Grupo Vocal Vivace: “Sergipe, Amor e Forró! -É proibido cochilar”. Izabel Nascimento.

Apressa, meu povo, apressa!
 Avia, cuida, antecipa!
 Porque quem **dorme no ponto**
 Da festa não participa
 Em nosso pequeno Estado
 Já ficou determinado
 Em lei de um Artigo só
 Num Decreto Musical
 De alguém muito especial (Sergipe)
 “É o país do Forró!” (pg. 14)

2. Cordel de Mãe e Filha.

Ana Santana e Izabel Nascimento

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Esse provérbio diz respeito à persistência para vencer os obstáculos. Ou seja, a erosão causada nas rochas pela água é fruto da insistência de bater diversas vezes no mesmo ponto, o que acaba furando

a pedra. 4. Site *Toda Matéria*. 5. Cordel de Mãe e Filha. Ana Santana e Izabel Nascimento.

Pedro escrevia soneto
Cordel, Poema, Canção
Eu lia os escritos
E fazia correção
**"Água mole em pedra dura
Tanto bate até que fura"**
Aprendi a lição. (pag. 07)

3. Receita da boa mulher.

Isabel Nascimento.

É terra que ninguém anda. 2. Sintagma Verbal (verbo + nome + pronome + nome + verbo). 3. Ser difícil, é autônoma, é independente. 4. Não foi encontrado em Dicionário. 5. Receita da boa mulher. Isabel Nascimento

Se você permitiu
Ou até se pressentiu
No coração não se manda
Acredita se quiser
Que cabeça de mulher
É terra que ninguém anda. (pag. 09)

31

4. A dor de barriga.

Ana Santana do Nascimento

Crede em cruz. 2. Enunciado autônomo (Fórmula). 3. Alerta, espanto, preocupação. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. A dor de barriga. Ana Santana do Nascimento.

Dor nenhuma é agradável
Quem já sofreu que o diga
É o pior desconforto
Crede em cruz, Jesus, dou figa
E principalmente quando
Aos poucos vai aumentando
Aquela dor de barriga.

Dou figa. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + nome). 3. Pedido de proteção, “Que Deus me livre”. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **A dor de barriga.** Ana Santana do Nascimento

Dor nenhuma é agradável
Quem já sofreu que o diga
É o pior desconforto
Credo em cruz, Jesus, **dou figa**
E principalmente quando
Aos poucos vai aumentando
Aquela dor de barriga.

5. As proezas dos irmãos Virgílio e Florisval.

Maria Salete da Costa Nascimento.

Vai para(r) no garitó. 2.informação gramatical: sintagma verbal (locução verbal + preposição + artigo + nome). 3. Não casar, ficar solteirona. *Ir para o caritó.* Caritó é gaiola em que se prendem caranguejos para engordar. 4.Tesouro da Fraseologia (NASCENTES, 1982). 5. As proezas dos irmãos Virgílio e Florisval. Maria Salete da Costa Nascimento.

Florisval
Moça que tem sentimento
Vendo longe a mocidade
Com trinta anos de idade
Sem achar um casamento
Pede a Deus todo momento,
Para em breve ser pedida
E com a cara encolhida
Toda manchada de pó,
Vai parar no garitó
Isso é desgosto na vida. (estrofe 16)

6. As safadezas do PADE KIBA: O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos.

Carlos Mendonça.

Deslizar que nem quiabo. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + pronome + conjunção + nome). 3. Fugir de uma forma que ninguém

perceba. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. As safadezas do PADE KIBA: O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça.

Isso me foi informado
Por Pedro Sebastião
De que padre antigamente
Tinha que ter três cunhão
Por Deus ou Pelo Diabo
Deslizar que nem quiabo
Rezando Santa Missão (pag. 05)

Fazia fuxicamento. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + nome). 3. Falar da vida dos outros, dedurar. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça

Chegava a reclamação
Do que ele aprontava
Esbagaçava o que via
Aos idosos judiava
Fazia fuxicamento
E nesse padecimento
A molecada apanhava (p. 7)

33

Passou sebo nas canela. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + nome + preposição + artigo + nome). 3. Correr muito. 4. Tesouro da Fraseologia de Antenor Nascentes (1982). 5. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça

Como não tavam aguentando
Tomaram uma decisão
Que o padre fosse embora
Ou caia no facão
Esse abriu a cancela
Passou sebo nas canela
E sumiu no estradão (p.10)

A coisa ia feder. 2. Enunciado autônomo (ditado popular). 3. A situação ficar crítica. 4. Site Slango: dicionário de gírias e expressões. 5. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça.

Quem não quisesse morrer
Fosse lhe pedir perdão
A ele se coligar
Junto ao seu batalhão
Pois **a coisa ia feder**
E os donos do poder
Cair no seu mosquetão (p. 11)

Fi-da-puta que pariu. 2. Informação gramatical: sintagma nominal (nome + preposição + artigo + nome + pronome + verbo). 3. Palavra de ofensa. 4. Site do dicionário informal. 5. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça.

34

Fi-da-puta que pariu
Um padre degenerado
Chamou o governador
De corno e cabra safado
O bispo e o sacristão
Ele chamou de ladrão
E o coronel amuiezado (p. 11)

Eram amigada. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + adjetivo). 3. Não ser casado legalmente, não ter o casamento registrado em cartório. 4. Site do dicionário informal. 5. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça.

Segundo a informação
Nos autos bem confirmada
Das dezenas de mulheres
Que com ele **eram amigada**
Por meio desse amigamento
Deu-se tantos nascimento
Toda a sua filharada. (p. 15)

Seguiu seu dicionário. 2. Sintagma verbal (verbo + pronome + nome). 3. Obedecer, seguir as regras. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça.

E nesse esculhambamento
Pade Kiba se vingou
Pois quem matou o seu pai
Num instante se acabou
Os outros adversário
Seguiu seu dicionário
Em todos ele mandou. (p. 17)

Seu fi-duma-lascadeira. 2. Informação gramatical: sintagma nominal (pronome + nome + preposição + artigo + nome). 3. Expressão ofensiva. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça.

Seu fi-duma-lascadeira
Devolva todo dinheiro
Que tá na sua gibeira
Pegue a égua e vá levar
Ao seu dono entregar
Fi-da-puta roncadeira. (p.18)

Fi-da-puta roncadeira. 2. Informação gramatical: sintagma nominal (nome + preposição + artigo + nome + adjetivo). 3. Expressão ofensiva. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **As safadezas do PADE KIBA:** O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos. Carlos Mendonça.

Seu fi-duma-lascadeira
Devolva todo dinheiro
Que tá na sua gibeira
Pegue a égua e vá levar
Ao seu dono entregar
Fi-da-puta roncadeira. (p.18)

7. Velho Chico: Guerras, Lendas, Bandidos e Heróis do Rio São Francisco.

Carlos Mendonça.

Pega de boi. 2. Informação gramatical: sintagma nominal (nome + preposição + nome). 3. Vaquejada. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Velho Chico: Guerras, Lendas, Bandidos e Heróis do Rio São Francisco.** Carlos Mendonça.

Um lugar de tradição
Pega de boi na caatinga
Do faixeiro, do quipa
Do xique, xique e restinga
No sertão dos cascavéis
Terra de bons coronéis
Tem benzedor e mandinga. (p. 9)

Só pra Puta que pariu. 2. Informação gramatical: sintagma adverbial (advérbio + preposição + nome + pronome + verbo). 3. Expressão de tensão. 4. Não foi encontrada em dicionário. 5. **Velho Chico: Guerras, Lendas, Bandidos e Heróis do Rio São Francisco.** Carlos Mendonça.

Atacaram a primeira vez
O arraial resistiu
Da segunda vez então
Só pra puta que pariu
Os cabras de conselheiro
Por detrás dos faveiro
Atirava e ninguém viu. (p. 10)

Fi-do-cão. 2. Informação Gramatical: sintagma nominal (nome + preposição + artigo + nome). 3. Palavra ofensiva, filho do diabo. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Velho Chico: Guerras, Lendas, Bandidos e Heróis do Rio São Francisco.** Carlos Mendonça.

Essa guerra demonstrou
Quem nela teve razão
Os que eram protegidos
Do diabo **fi-do-cão**

Quem ao rio defendia
Naquela fuzilaria
Virou herói do sertão. (p. 12)

Pru mode lhe convidar. 2. Informação Gramatical: sintagma preposicional (preposição + nome + pronome + verbo). 3 Com o objetivo de fazer alguma coisa. Não foi encontrada em dicionário. **Velho Chico: Guerras, Lendas, Bandidos e Heróis do Rio São Francisco.** Carlos Mendonça

Saindo lá da Chapada
Cortando serra e grotão
Mergulho no São Francisco
Vou sair no Riachão
Pru mode lhe convidar
Para no tempo voltar
Em outro revolução. (p. 17)

Fi-duma-égua. 2. Informação Gramatical: sintagma nominal (nome + preposição + artigo + nome). 3. Palavra ofensiva. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Velho Chico: Guerras, Lendas, Bandidos e Heróis do Rio São Francisco.** Carlos Mendonça.

37

São tudo uns cabra safado
Usurentos e mentiroso
Vem pra cá ganhar dinheiro
Chama a gente de seboso
Esses tal **fi-duma-égua**
Tem que ficar é a légua
Do nosso Rio majestoso. (p. 28)

8. A Feira de Itabaiana: A mais importante, folclórica e tradicional feira do Nordeste.

Carlos Mendonça.

Deprimeira. 2. Informação Gramatical: sintagma preposicional (preposição + nome). 3. De boa qualidade. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **A Feira de Itabaiana: A mais importante, folclórica e tradicional feira do Nordeste.** Carlos Mendonça.

Na feira de Itabaiana
Sua carne é **de primeira**
De porco, bode e galinha
Vindos lá da capoeira
Carne de boi e jabá
Até carne de preá
No meio da nossa feira. (p. 9)

De fio dental. 2. Informação Gramatical: sintagma preposicional (preposição + nome + adjetivo). 3. Peça inferior do biquíni ou calcinha de tamanho reduzido que descobrem totalmente as nádegas. 4. Site Dicionário InFormal. 5. **A Feira de Itabaiana: A mais importante, folclórica e tradicional feira do Nordeste.** Carlos Mendonça.

Tem velho pulando cerca
E jovem enamorado
Tem velha **de fio dental**
Pra ver o velho animado
E no vai e vem da feira
E aquela bagaceira
O casal véio agrudado. (p. 16)

38

Pulando cerca. 2. Informação Gramatical: sintagma verbal (verbo + nome). 3. Trair parceiro (esposa, esposo, namorado, namorada, noivo, noiva). 4. Site Dicionário InFormal. 5. **A Feira de Itabaiana: A mais importante, folclórica e tradicional feira do Nordeste.** Carlos Mendonça.

Tem velho **pulando cerca**
E jovem enamorado
Tem velha de fio dental
Pra ver o velho animado
E no vai e vem da feira
E aquela bagaceira
O casal véio agrudado. (p. 16)

Fi-do-canso. 2. Informação Gramatical: sintagma nominal (nome + preposição + nome). 3. Palavra ofensiva. 4. Não foi encontrada em dicionário. 5. **A Feira de Itabaiana: A mais importante, folclórica e tradicional feira do Nordeste.** Carlos Mendonça.

Pois a feira é o lugar
Onde a população
Vai e vem sem precisar
De ter autorização
É aonde o povo grita
Fi-do-canso, Mariquita
Rapariga e promoção. (p. 27)

Ficar com desdém. 2. Informação Gramatical: sintagma verbal (verbo + preposição + nome). 3. Ficar com desprezo, desprezar; ficar com soberba. 4. Dicionário de Expressões Idiomáticas (Profa. Dra. Claudia Xatara). 5. **A Feira de Itabaiana: A mais importante, folclórica e tradicional feira do Nordeste.** Carlos Mendonça.

Narrar o que tem na feira
E também o que não tem
Para o povo conhecer
E não **ficar com desdém**
Pois o pior a meu ver
É nem ler nem conhecer
E falar antes porém. (p. 27)

39

Cabra da peste. 2. Informação Gramatical: sintagma nominal (nome + preposição + artigo + nome). 3. Sujeito muito ordinário, corajoso. 4. Tesouro da Fra-seologia Brasileira (NASCENTES). 5. **A Feira de Itabaiana: A mais importante, folclórica e tradicional feira do Nordeste.** Carlos Mendonça.

Agora eu me despeço
Pois na feira vou passar
Rever umas amiguinhas
E de gente ruim mangar
E nesse norte e nordeste
Somos é **cabra da peste**
Da cultura popular. (p. 28)

9. A mulher que se casou dezoito vezes...

Valeriano Feliz dos Santos.

Lua de mel. 2. Informação gramatical: sintagma nominal (nome + preposição + nome). Os primeiros tempos de casado. Tesouro da fraseologia brasileira (NASCENTES). **A mulher que se casou dezoito vezes...** Valeriano Feliz dos Santos.

Não gozou **lua de mel**
Neste novo casamento...
Seu marido foi mordido
Por um bicho peçonhento...
Com licença das palavras,
Acertou no seu assento. (p. 7)

10. Lampião - coisas do cangaço.

Ronaldo Dória Dantas

40

Cabra da peste. 2. Informação gramatical: Sintagma nominal (nome + preposição + artigo + nome). 3. Sujeito muito ordinário, corajoso. 4. Tesouro da Fraseologia Brasileira (NASCENTES). 5. **Lampião - coisas do cangaço.** Ronaldo Dória Dantas.

De tanto ser atacado
Lampião virou bandido
Assassinando e roubando
Porque se viu perseguido
E nesse grande Nordeste
Aquele **cabra da peste**
Tornou-se tão atrevido. (p. 02)

©próprio diabo no couro. 2. Informação gramatical: sintagma nominal (artigo + adjetivo + nome + preposição + artigo + nome). 3. Ser insuportável, ruim como um possesso pelo diabo. 4. Tesouro da Fraseologia Brasileira (NASCENTES, 1982). 5. **Lampião - coisas do cangaço.** Ronaldo Dória Dantas.

Deixo um pouco Lampião
Pra falar no "Diabo Louro"
Também chamado Corisco

Uma espécie de agouro
Igual a erva-daninha
Dava impressão que ele tinha
O próprio diabo no couro. (p. 04)

Fizesse cara feia. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo+ nome + adjetivo). Incomodar-se, emburrar, manifestar seu mau humor ou seu descontentamento. Dicionário de Expressões Idiomáticas (XATARA). **Lampião - coisas do cangaço.** Ronaldo Dória Dantas.

Quem o desobedecesse
Ou **fizesse cara feia**
Levava uma grande surra
Com um “rebenque” de correia
Depois do surrote dado
Ainda era arrastado
Uma hora na areia. (p. 04)

11. Cordel: Coisas do Sertão.

Ronaldo Dória.

41

Pra danar. 2. Informação Gramatical: sintagma preposicional (preposição + verbo). 3. Muito (advérbio de intensidade). 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Cordel: Coisas do Sertão.** Ronaldo Dória.

E num sei por qual motivo
Nós tem filhos **pra danar**
Aqui eu e meu vizinho
Num deixamos empatar
Cada ano vem mais um
Pra ver quem vai ganhar. (p. 02)

Junir fora. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + advérbio). 3. Jogar fora. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Cordel: Coisas do Sertão.** Ronaldo Dória.

Vai comprar quarto bem novo
E o velho vai **junir fora**

Com este vai namorar
De manhã, a qualquer hora
Sem o barulho danado
Da cama velha que chora. (p. 2)

Camavelha que chora. 2. Informação gramatical: sintagma nominal (nome + adjetivo + pronome + verbo). 3. Cama de mola em mal estado. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Cordel: Coisas do Sertão.** Ronaldo Dória.

Vai comprar quarto bem novo
E o velho vai junir fora
Com este vai namorar
De manhã, a qualquer hora
Sem o barulho danado
Da **cama velha que chora.** (p. 2)

12. Uma mulher fofoqueira.

Ronaldo Dória Dantas.

42 **Pisando com pé na meia.** 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + preposição nome + preposição + nome). 3. Andar sem fazer barulho. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Uma mulher fofoqueira.** Ronaldo Dória Dantas.

É dessas que faz plantão
Com sua voz de sereia
E fica detrás da porta
Pisando com pé na meia
Essa infeliz criatura
Da brecha da fechadura
Só dá fé da vida alheia. (p. 01)

Dá fé da vida dela. 2. Informação Gramatical: sintagma verbal (verbo + nome + preposição + artigo + nome + preposição + pronome). 3. Prestar atenção em alguém ou em alguma coisa. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Uma mulher fofoqueira.** Ronaldo Dória Dantas.

Coloca o feijão no fogo
Depois fica na janela
Fofocando com a vizinha

Sem **dá fé da vida dela**
No prazer de fofocar
Nem ver o feijão queimar
Lá no fundo da panela. (p. 01)

A cara de panela. 2. Informação gramatical: Sintagma nominal (artigo + nome + preposição + nome). 3. Feição gorda e feia. 4. Não foi encontrada em dicionário. 5. **Uma mulher fofqueira.** Ronaldo Dória Dantas.

Diz que Terezinha é gorda
A Maria é magricela
Fala que a Zefinha é feia
Tem **a cara de panela**
Que Simone é orgulhosa
E a Mariana é gulosa
Que come numa tigela. (p. 02)

Está de barriga. 2. Informação gramatical: Sintagma verbal (verbo + preposição + nome). 3. Estar grávida. 4. Tesouro da fraseologia brasileira (NASCENTES, 1982). 5. **Uma mulher fofqueira.** Ronaldo Dória Dantas.

43

E diz: Eu até aposto
E todo mundo vai ver
Que ela **está de barriga**
E ainda quer esconder
Porém não pode enganar
Com três meses, se tardar
O bruguelo vai nascer

Não tem nenhum vintém. 2. Informação gramatical: sintagma adverbial (advérbio + verbo + pronome + nome). 3. Ser pobretão. 4. Tesouro da fraseologia brasileira (NASCENTES, 1982). 5. **Uma mulher fofqueira.** Ronaldo Dória Dantas.

Fala que dona Balbina
É pobre de fazer dó
E diz: -Aquela infeliz
Possui uma blusa só
Que **não tem nenhum vintém**

E o sapato que tem
Foi comprado no “brechó”. (p. 4)

Mete a ripa no padeiro. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + artigo + nome + preposição + artigo + nome). 3. Agredir alguém. 4. Tesouro da fraseologia brasileira (NASCENTES, 1982). 5. **Uma mulher fofoqueira.** Ronaldo Dória Dantas.

Se vai para padaria
E lá encontra uma amiga
Coloca as mãos na cintura
E na fococa castiga
Mete a ripa no padeiro
Fala mal do confeitoiro
Com sua língua de urtiga. (p.06)

13. As maldades de uma sogra encrenqueira.

Ronaldo Dória e João Firmino Cabral.

44

Botar um chifre nele. 2. Informação Gramatical: sintagma verbal (verbo + artigo + nome + preposição + pronome). 3. Trair. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **As maldades de uma sogra encrenqueira.** Ronaldo Dória e João Firmino Cabral.

Ela falou; Minha filha
Disse que não gosta dele
E que nunca viu no mundo
Um cara frouxo daquele
E qualquer um dia desses
Vai **botar um chifre nele!** (p. 07)

É cagado e cuspidor. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + adjetivo + conjunção + adjetivo). 3. Ser idêntico. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **As maldades de Uma sogra Encrenqueira.** Ronaldo Dória e João Firmino Cabral.

Quando a mulher teve um filho
Fez a velha um alarido

Disse: Esse com Zabedeu
Nem sequer é parecido
Parece é com o vizinho
Esse **“é cagado e cuspidor”**. (p. 08)

14. O exemplo da moça que dançou com o diabo no inferno.

João Firmino Cabral.

Fogo da perdição. 2. Informação gramatical: sintagma nominal (nome + preposição + artigo + nome). 3. Animação pecaminosa. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **O exemplo da moça que dançou com o diabo no inferno.** João Firmino Cabral.

As moças só quiere modas,
Gíria, dito e corrução,
Só pensam em dançar merengue
E um tal de lambadão
Destruindo a virgindade,
No **fogo da perdição**. (pg. 01)

Uma fera carniceira. 2. Informação gramatical: sintagma nominal (artigo + nome + adjetivo). 3. A maldade em pessoa. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Lampião: Herói ou bandido?** João Firmino Cabral

Conduzindo no seu bando
O mano Antônio Ferreira,
O seu cunhado Virgínio,
E Ezequiel, de primeira,
Também o irmão Livino,
Uma fera carniceira. (p. 15)

15 Provérbios populares em cordel

Izaías Gomes de Assis: Cordelista do Rio Grande do Norte

Quem cochila perde a hora. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Quem vacilar, perde a oportunidade. 4. Não foi encontrado o significado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Vou falar nesse cordel
Que está começando agora

Dos adágios populares
E começo sem demora
Como meu avô dizia:
Quem cochila perde a hora.

Galinha do pé quebrado volta pra casa mais cedo. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Preste atenção! Cuidado! 4. Não foi encontrado o significado em dicionário. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Cuidado por onde anda
A vida não é brinquedo
Tem um ditado bem certo
Que sempre me mete medo
**Galinha do pé quebrado
Volta pra casa mais cedo.**

Quem se apressa come cru. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Essa expressão popular significa que as coisas devem ser feitas com calma para ficarem boas. Se do contrário, forem feitas com pressa, elas ficarão imperfeitas. 4. Toda Matéria. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

46

Quem se apressa come cru.
Diziam os antepassados
É por isso que os baianos
Vivem muito sossegados
E o gato sem ter vexame
Nasce de olhos fechados.

O gato sem ter vexame/Nasce de olhos fechados. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Essa expressão significa que tudo que é feito com calma, traz tranquilidade. 4. Não foi encontrado em dicionário. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Quem se apressa come cru.
Diziam os antepassados
É por isso que os baianos
Vivem muito sossegados
**E o gato sem ter vexame
Nasce de olhos fechados.**

Apressa é inimiga da perfeição. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Essa expressão popular significa que as coisas devem ser feitas com calma para ficarem boas. Se do contrário, forem feitas com pressa, elas ficarão imperfeitas. Esse ditado está relacionado com outro muito popular: “*Apressado come cru e quente*”. 4. Toda Matéria. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Mesmo andando devagar
Vai-se a qualquer região
E todos já sabem que
Não se pode correr não
Pois **A pressa é inimiga**
Ferrenha **da perfeição.**

Devagar se chega ao longe. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Essa expressão está relacionada com a paciência que devemos ter na vida para atingir determinado objetivo. Quando a galinha come, ela vai enchendo o papo com os grãos. Da mesma forma, pouco a pouco vamos conseguindo o que queremos. 4. Toda Matéria. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Planeje o que vai fazer
A pressa você esponje
Não faça negócio torto
Observe como um monge
Tem imensa paciência
Devagar se chega ao longe.

Lagoa que tem piranha/ Jacaré nada de costa. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Essa expressão significa que a pessoa é atenta principalmente dos ambientes perigosos. 4. Não foi entrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

A esperteza vale tudo
Muita gente nela aposta
a pessoa que é vivida
do ditado abaixo gosta:
Lagoa que tem piranha
Jacaré nada de costa.

Ⓞ **macaco infelizmente/Nunca olha o rabo dele.** 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. referindo-se às pessoas que nunca conseguem ver os próprios defeitos. 4. Dicionário de Expressões Idiomáticas. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Tem gente com pensamento
Que o perfeito só é ele
Nas pessoas desse mundo
Vê defeito, menos nele,
**O macaco infelizmente
Nunca olha o rabo dele.**

A galinha que se espanta/É essa que vê a cobra. 2 Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Quando a pessoa se mostra demais, pode atrair situações ruins. 4. Não foi encontrado em dicionário. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

48

Têm pessoas que na vida
Fazem a arte e a manobra
Gente que faz e raiva
Nesse mundo tem de sobre
**A galinha que se espanta
É essa que vê a cobra.**

Santo de casa/não faz milagre. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Utilizamos esse provérbio quando demonstramos não ter confiança em alguém que é do local que vivemos. Assim, buscamos alguém de fora para resolver a questão no lugar de confiar em quem é mais próximo. 4. Toda Matéria. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Artista da terra sofre
Não tendo quem o consagre
Pois ninguém lhe dá valor
Até que a fama o deflagre
Afinal: **Santo de casa
Esse aí não faz milagre.**

Melhor é ser um cão vivo/Do que ser um leão morto. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Está relacionado com a ideia de que é melhor ser uma pessoa simples e esperta do que ser uma pessoa exibida demais e acabar sendo castigada. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Tem gente morrendo aí
Por um ideal que é torto
Em vez de ser grande mártir
Prefiro cuidar dum horto
**Melhor é ser um cão vivo
Do que ser um leão morto.**

Me diga com quem andas/Que eu te digo quem tu és. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Relacionado com a ideia das influências que sofremos das nossas companhias, esse ditado popular alerta para as qualidades e defeitos que podemos copiar das pessoas com quem mantemos contato. 4. Toda matéria. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Se tu andas com os justos
Tua nota é sempre dez
Mas se vives com malandros
Tu mereces uns pontapés
Pois **Me diga com quem andas
Que eu te digo quem tu és.**

Quem pensa que o céu é perto/Morre estendendo a mão. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Refere-se ao fato de que quando as pessoas sonham demais, acabam não conseguindo o que desejam. 4. Não foi encontrado o significado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Se você anda sonhando
Num castelo de ilusão
Querendo abraçar o mundo
Aprenda logo a lição
**Quem pensa que o céu é perto
Morre estendendo a mão.**

Casou Tomé com Bebê. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Acontece quando duas pessoas que se juntam são muito próximas, mas não possuem característica muito boas. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Quando um cabra sem-futuro
Mostrando quem ele é
Se junta com outro igual
Ninguém nos dois bota fé
O povo comenta e diz:
Casou Tomé com Bebê.

Bota fé. 2. Informação gramatical: sintagma verbal (verbo + nome). 3. Acreditar. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Quando um cabra sem-futuro
Mostrando quem ele é
Se junta com outro igual
Ninguém nos dois **bota fé**
O povo comenta e diz:
Casou Tomé com Bebê.

50

Prevenir é melhor que remediar. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Essa expressão está relacionada ao fato de que é mais importante ter precaução do que passar por uma situação muito difícil de resolver. 4. O significado não foi encontrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Não faça coisas erradas
Pra não vim se lamentar
Pense e faça direitinho
Cuidado pra não errar
Dizem que é **prevenir é**
Melhor que remediar.

Panela velha é/A que faz comida boa. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Refere-se à questão de que a mulher mais velha consegue viver melhor que

a mais jovem. 4. O significado não foi encontrado em dicionário. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Se você acha que o novo
É melhor que o coroa
Essa sua graça ideia
Está lhe deixando a toa
Pois **panela velha é**
A que faz comida boa.

Deus escreve/Em cima de linhas mortas. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Esse provérbio significa que a vida pode apresentar um caminho diferente daquele em que traçamos os objetivos que gostaríamos de atingir, o qual seria uma linha reta com partida e chegada. Entretanto, um caminho cheio de curvas não será necessariamente um caminho errado, uma vez que com elas aprendemos algo que nos será valioso. 4. Toda Matéria. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Existem umas ideias
Que pra mim elas são mortas
Como estou catalogando
Das rimas abro as portas
Pra dizer que **Deus escreve**
Em cima de linhas mortas.

51

A beleza de prato/Não dá gosto a comida. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). A aparência física não é a essência da pessoa. 4. O significado não foi encontrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Seguindo esse pensamento
Deve estar bem prevenida
A sua capacidade
De discernir bem a vida
Pois **A beleza de prato**
Não dá gosto a comida.

Quem dorme muito/Não é um bom vigilante. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Quem não está bem atento, não é bom vigilantes. 4. O significado

não foi encontrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Cuidado com o desleixo
Pra você não ser errante
Esteja sempre acordado
Ligado fique constante
E saiba **Quem dorme muito**
Não é um bom **vigilante.**

A esperança/É a última que morre. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. É a pessoa que tem fé, perseverança em alcançar seus objetivos. 4. Dicionário Informal. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Não desista dos seus sonhos
Pois enquanto a Terra corre
Persista e vá em frente
Que esperança em você jorre
Pois bem sei que **A esperança**
É a última que morre.

52

Quem pega em tição pequeno/Acaba queimando a mão. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Quem perturba aquele que não quer ser incomodado, pode acabar se prejudicando. 4. O significado não foi encontrado em dicionário. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Não mexa com quem tá quieto
Pra não perder a razão
Não faça nada na vida
Se não tiver condição
Quem pega em tição pequeno
Acaba queimando a mão.

Quem brinca com fogo/ Esse pode se queimar. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Quem instiga um problema e não se preocupa com essa situação já tensa, pode se prejudicar. 4. O significado não foi encontrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Confusão é coisa séria
Estou aqui pra te alertar
Cuidado na sua vida
Seja em qual for o lugar
Porque **quem brinca com fogo**
Esse pode se queimar.

Cavalo dado/Não se olha os dentes. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Esse provérbio significa que não devemos criticar um presente ou algo que nos é dado, mesmo que não seja de nosso agrado. A ideia aqui é sempre agradecer em vez de ser crítico. 4. Toda Matéria. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Se recebestes de graça
Dos amigos ou dos parentes
Algo que não presta mais
Não chores, não te lamentes,
Afinal **Cavalo dado**
Não se olha os dentes.

53

Pra cavalo velho/O remédio é capim novo. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Para o homem mais velho, a solução é uma pessoa nova. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Um ditado interessante
Corre na boca do povo
Falando do casamento
Que pro cabra traz renovo
Que diz: **pra cavalo velho**
O remédio é capim novo.

Cão que late e não morde. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Essa expressão popular é utilizada para enfatizar que muitas pessoas que falam de forma ameaçadora podem não ser assim tão perigosas. 4. Toda matéria. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Cabra mole quer ser brabo
E o ralé diz ser um lorde

O ditado escrito abaixo
É pra que você acorde
Quem diz que faz e não faz
É **cão que late e não morde.**

Se correr o bicho pega / Se ficar o bicho come. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Ficar alheio à realidade é tão perigoso quanto o pânico. Em situações difíceis, é preciso agir com atenção para não sofrer danos. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Tem situação na vida
Que nossa força consome
Pois as opções que restam
Tem o mesmo sobrenome:
Se correr o bicho pega
Se ficar o bicho come.

54

Em terra que só tem cego / Quem tiver um olho é rei. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Expressão popular que significa: no meio da ignorância quem sabe pouco domina. 4. Dicionário Informal. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Eu já vi analfabeto
Rezar a missa como um frei
"Se não tem tu, vai tu mesmo"
Este dito vira a lei
Em terra que só tem cego
Quem tiver um olho é rei.

Quem tem boca vai a Roma. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Essa expressão é utilizada para destacar o poder da comunicação. Assim, se você tem boca para se comunicar por palavras, com certeza encontrará a resposta correta. Pesquisas indicam que com o tempo essa expressão foi sendo modificada da original que seria "*Quem tem boca vai a Roma*" (do verbo vaiar). 4. Toda Matéria. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Se o cabra é desenrolado
Nessa vida não embroma

Indo pra qualquer lugar
E nota de tudo toma
Perguntando a todos, pois,
Quem tem boca vai a Roma.

Manda quem pode e cumpre quem tem juízo. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Com cuidado, evite bater de frente com os outros. 4. Não foi encontrado em dicionário. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Quando o capitão ordena
Correndo dando sorriso
O soldado vai depressa
Não entrando em desaviso
Afinal: **Manda quem pode,
E cumpre quem tem juízo.**

Seguro morreu de velho. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Esse ditado popular faz referência à sabedoria que devemos ter como precaução para evitar coisas desagradáveis na vida. Assim, o que vale é ser prudente em suas ações. 4. Site Toda Matéria. 5. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

55

Não confie no ser humano
Como manda o evangelho
Desconfie de todo mundo
Para não tomar um relho
Porque todos sabem que
Seguro morreu de velho.

Se conselho fosse bom/Não se dava, se vendia. 2. Enunciado Autônomo (Provérbio). 3. Existem pessoas que recebem conselho mesmo sem pedir e nem reconhecem. Para valorizar o conselho, é bom que ele seja vendido. 5. Não foi encontrado em dicionário. **Provérbios populares em cordel.** Izaías Gomes de Assis.

Essa ruma de conselhos
Será que tem serventia?
Eu vou concluir dizendo
Como minha avó dizia:
**Se conselho fosse bom
Não se dava, se vendia.**

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O CORDEL “AS MALDADES DE UMA SOGRA ENCRENQUEIRA”

A variação linguística e a literatura de cordel estão unidas para desenvolver a sequência didática desse estudo. Para tal, serão apresentadas as discussões sobre a Fraseologia para o professor que vai utilizar essa sequência para auxiliar na compreensão dos léxicos e das unidades fraseológicas presentes no jogo.

Para a formação docente, além da fundamentação teórica sobre a Fraseologia, serão apresentadas a abordagem comunicativa e a intercultural, por que vai orientar como utilizar as unidades fraseológicas em sala de aula.

Fraseologismo no ensino de Português como língua materna

56

Mejri (1997) define a Fraseologia como uma disciplina relacionada ao estudo sobre as combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomaticidade, que sejam polilêxicais e que constituam a competência discursiva dos falantes. O resultado são unidades polilêxicais, que fornecem o aspecto idiomático (específico para o idioma). Ele tem se dedicado a pesquisas sobre o processo de fixação (*figement*) contemplando elementos tais como: verbos suporte, colocações, expressões idiomáticas, pragmatemas, locuções, provérbios, estereótipos.

Maurice Gross (1988) não menciona a nomenclatura Fraseologia, mas fala em frases fixas, formas ou expressões fixas. Esse fato envolveria as formas proverbiais, as expressões idiomáticas e as formas compostas. Continuando o estudo, Gaston Gross (1988) comenta que a fixação é uma propriedade das línguas naturais. Essa importância foi por muito tempo menosprezada. “A fixação é um processo linguístico no qual um sintagma em que os elementos são livres transforma-se em um sintagma em que os elementos não podem ser dissociados” (GASTON GROSS, 1988). Por sua vez, a Fraseologia, segundo Gertrud Greciano (1986), é uma disciplina independente dedicada à análise das unidades fraseológicas e inclui nesta categoria: léxias compostas, desvios, locuções, idiomatismos, ditos, lugar-comum, clichês e provérbios.

Com essa sequência didática a ser apresentada, o docente vai trabalhar com a língua em uso. Desse modo, pensamos em jogos envolvendo o uso das

unidades fraseológicas. Para refletir sobre essa ação, Monteiro-Plantin (2014) comenta que “Entendemos como objetivo principal do ensino de língua materna o desenvolvimento da competência discursiva, na compreensão e produção de mensagens linguísticas orais e escritas.” (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 107).

Os professores de língua estrangeira já reconhecem a importância do ensino das Unidades Fraseológicas (UFs). Contudo, Monteiro-Plantin (2014, p. 108) ressaltou que, no ensino de língua materna, há não só escassez de material didático, como também ocorrem orientações expressas para evitar o uso de algumas UFs, como provérbios, ditos populares e expressões idiomáticas, em produções textuais, porque elas evidenciariam falta de criatividade e até preguiça mental.

Monteiro-Plantin (2014, p. 109) ressalta que aceitar as UFs sem preconceito, conferindo-lhes um tratamento didático diferenciado, não seria passar a ensiná-las, como conteúdo nas atividades de compreensão leitora ou de produção textual. Seria, por sua vez, fazer com que os professores de língua materna e os docentes de língua estrangeira fizessem a transposição didática que proporcionasse a aprendizagem do funcionamento da linguagem articulada.

Assim, Monteiro-Plantin (p.112) ressalta

Ao propormos a integração das UFs como objeto de estudo no desenvolvimento da competência discursiva, estamos propondo mais uma forma de superação do ensino de repasse de conteúdos gramaticais dispersos e descontextualizados. Através da análise de frases proverbiais e expressões idiomáticas, por exemplo, a prática da oralidade pode ser um caminho para se ter fluência nas mais diversas situações, ultrapassando a conversação espontânea. Tais enunciados podem ser recolhidos e apresentados diante de um indivíduo ou de um conjunto plural de interlocutores; em atividades de transmissão de informações, de exposição de ideias, de troca de opiniões, de defesa de ponto de vista e de representação de diferentes realidades. (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 112)

A seguir estão alguns exemplos de Unidades Fraseológicas do Cordel “As maldades de uma sogra encrenqueira”. Esse é o Cordel que vai ser utilizado na Sequência Didática desse estudo. Essa é uma ação de aplicação das unidades fraseológicas tanto no ensino de português como língua materna, como no ensino de português como língua estrangeira.

Disse que não gosta dele
E que nunca viu no mundo
Um **cara frouxo** daquele
E qualquer um dia desses
Vai botar um chifre nele. (p. 07)

Quando a mulher teve um filho
Fez a velha um alarido
Disse: Esse com Zabedeu
Nem siquer é parecido
Parece é com o vizinho
Esse **é cagado e cuspidor.** (p. 08)

O CORDEL NO ENSINO DE LÍNGUA

58

Ao se pensar sobre o ensino da língua, Paim (2019, p. 16) comenta que é preciso focar no discurso para entender a vida humana. É observar o discurso como construção social. A construção dessa identidade social é um processo, “pois depende da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si e aos outros engajados no discurso” (PAIM, 2019, p. 17). Essa visão de identidade como construção social também é resultado do fato que as pessoas são criadas da forma que são pelos outros a sua volta. O falante usa a linguagem para marcar a identidade social. Nesse sentido, evidencia-se a relação entre linguagem e identidade social.

O Cordel mostra essa identidade construída. É reflexo da sociedade. Por essa razão, ele foi escolhido para essa sequência didática por demonstrar a cultura e a língua em uso, além de possibilitar a aplicação da abordagem comunicativa e intercultural no ensino da língua. Roiphe (2016) comenta que os folhetos de cordel ampliam não só a linguagem verbal, quanto a linguagem visual, como também a compreensão da literatura de cordel do Nordeste brasileiro.

Praticando

Para o ensino de língua, a discussão sobre a abordagem comunicativa e intercultural é de fundamental importância, uma vez que as tarefas da sequência didática estão voltadas ao uso real da língua e envolvem a comunicação e a cultura.

A comunicação é vista, de acordo com Almeida Filho (2002, p. 8), como uma forma de interação social propositada em que se dão demonstrações de apresentação pessoal associadas, ou não, aos casos de construção de conhecimento, do discurso e da troca de informações. Nesse âmbito, é importante que a aprendizagem de uma língua materna e de uma nova língua ocorra em uma matriz comunicativa de interação social.

A Abordagem Intercultural considera importante trabalhar com a cultura da língua-alvo. Conforme Santos (2004), essa abordagem inclui as tradições, os valores, as crenças, as atitudes e os conceitos, assim como os objetos e toda a vida material. Widdowson (2005, p. 97), por sua vez, ressalta que a aprendizagem das habilidades linguísticas não parece garantir a consequente aquisição da capacidade comunicativa em uma dada língua. Um excesso de ênfase em exercícios mecânicos e de produção e recepção de frases tendem a inibir o desenvolvimento de capacidades comunicativas.

Nas aulas de língua portuguesa, a leitura e a escrita são habilidades que podem ser trabalhadas de forma inter-relacionadas. Desse modo, pode-se desenvolver, no aprendiz, a capacidade de não só produzir bons textos orais e escritos, como também de ler de maneira interacionista e crítica.

Na perspectiva interacionista da leitura, Kleiman (2008 p.19) ressalta que o leitor passa a ser um sujeito cognitivo, a ser um (re)criador de significado. Quando o professor faz com que o seu aluno seja agente na construção do seu conhecimento, ele não promove comportamentos repetitivos, mecanicistas e automáticos. O professor deve pensar na leitura como uma interação entre o autor e o leitor do texto, afinal o bom leitor é aquele que sabe dialogar com o autor do texto.

Para esse processo, é fundamental que haja a coerência entre fundamentação teórica e a ação prática no ensino de leitura, o reconhecimento do aluno enquanto sujeito leitor e não como mero decodificador. Segundo Koch e Elias (2007, 13), a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico. É importante que o leitor tenha, também, conhecimento prévio para desenvolver uma leitura com compreensão.

Conforme Schneuwly e Dolz (2004, p. 8), o texto, na sala de aula, como um ensino processual em leitura e em escrita, deixa de enfatizar um ensino normativo e passa a ser processual, com valorização da leitura e da escrita. Quando o professor desenvolve tarefas com as habilidades integradas, o aprendiz

vai ter mais desenvoltura no processo de aprendizagem da língua por ela estar mais relacionada ao seu uso real.

As tarefas feitas a partir de diversos gêneros discursivos proporcionam a aprendizagem das habilidades de leitura e de escrita. Segundo Bazerman (2006, p. 23), os gêneros discursivos são os ambientes onde o sentido é construído. Ao desenvolver uma atividade, baseada em gênero, o professor tem que explicar, para o seu aluno, o tema, o leitor e o propósito do gênero escolhido.

Schneuwly e Dolz (2004, p. 20) mencionam que o gênero é um instrumento. Existem dois pólos: de um lado o sujeito e, de outro, o objeto sobre o qual ele age. O instrumento encontra-se entre o indivíduo que age e o objeto no qual ele age. Para se tornar mediador, precisa ser apropriado pelo sujeito. Existe a escolha de um gênero, em função de uma situação definida pela finalidade, pelos destinatários e pelo conteúdo. Há, assim, a elaboração de um embasamento de orientação para uma ação discursiva.

60

Essa ação pode ser construída a partir de uma sequência didática. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) explicam que essa sequência possui um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. Essas tarefas têm o intuito de proporcionar o *domínio da leitura e da escrita, de forma aplicada, ao aluno*. Com isso, essas atividades pretendem desenvolver a aprendizagem das habilidades oral e escrita de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

Além disso, para observar a aprendizagem dos alunos, a avaliação diagnóstica e a formativa são essenciais. Perrenoud (1999, p. 103) afirma que “é formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”.

Nesse sentido, a avaliação diagnóstica está muito entrelaçada com a avaliação formativa. Ferreira (2002, p. 33) afirma que a avaliação diagnóstica almeja conhecer o aluno, observar como se encontra o seu desenvolvimento. Tem como objetivo identificar dificuldades de aprendizagem e replanejar o trabalho, tomando medidas que solucionem essa situação. Desse modo, para o planejamento das tarefas, a avaliação diagnóstica e a avaliação formativa observam a aprendizagem, mas é avaliação formativa que vai desenvolver os próximos passos para o desenvolvimento da aprendizagem.

Segundo Luckesi (2002, p. 83), para serem adequados, os instrumentos de avaliação diagnóstica deveriam medir resultados de aprendizagem bem definidos em acordo com os objetivos instrucionais; conter os tipos de itens que são mais adequados para medir os resultados de aprendizagem desejados; ser planejados para se adequar aos usos dos resultados; ser usados para aprimorar a aprendizagem do estudante e melhorar o sistema de ensino.

Desse modo, esses princípios precisam de um planejamento técnico adequado dos instrumentos de avaliação. Essa avaliação implica que os dados coletados por meio dos instrumentos sejam lidos com rigor científico, objetivando não a aprovação ou reprovação dos alunos, mas uma compreensão adequada do processo do aluno, de modo que ele possa avançar no seu processo de crescimento. Moura (2020) afirma que a avaliação feita em sequência didática evidencia a avaliação formativa.

Com o intuito de avaliar as etapas da sequência didática elaborada para o cordel “As maldades de uma sogra encrenqueira”, é importante entrelaçar cada tarefa dessa sequência. Para observar a compreensão leitora do aluno, Cruz (2020) utilizou o seguinte roteiro:

61

optamos por usar como critério as inferências elementares (IE), inferências complexas (IC) e não inferências (NI). As primeiras são aquelas as quais não requerem muitas experiências de leitura, elas ocorrem com base em pistas fornecidas pelo texto. Já as segundas, exigem mais arranjos e maior experiência do leitor. As inferências complexas requisitam mobilização de outras habilidades prévias, como a capacidade de resumir o conteúdo abordado em um texto. As não inferências são aquelas respostas dadas pelos alunos que não apresentam nenhuma forma de inferência. Pode ser também aquelas questões cujas respostas foram deixadas em branco. (CRUZ, 2020)

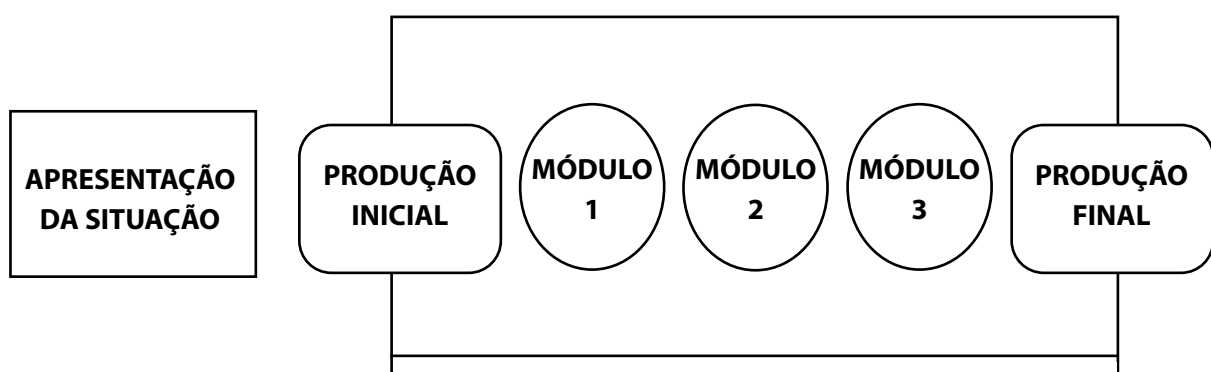


Figura 1 - Esquema da sequência didática (DOLZ NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

Essa sequência está dividida em etapas e a avaliação é feita ao desenvolvimento da compreensão leitora.

Sequência didática para o cordel "As maldades de uma sogra encrenqueira"				
Etapas	Objetivos	Atividades	Material	Duração
1. APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre o sentido da leitura e da escrita. - Desenvolver o conhecimento prévio para a leitura 	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar a construção do sentido através da leitura e da escrita. - Qual é o conceito de sogra na sociedade. - Apresentar o cordel "A sogra encrenqueira" do poeta Firmino e fazer a leitura em seguida. - Fazer avaliação diagnóstica a partir da compreensão leitora dos alunos com o cordel "As maldades de uma sogra encrenqueira." 	- O cordel "As maldades de uma sogra encrenqueira"	01 aula
2. PRODUÇÃO INICIAL	<ul style="list-style-type: none"> - Observar a diversidade da língua portuguesa presente no cordel; - Proporcionar a admiração da variedade lexical e de variedades fraseológicas presentes no texto. - Apresentar o gênero cordel. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicar uma avaliação diagnóstica através da produção de relatos sobre a leitura do cordel lido. - Exibir vídeos com cordelistas falando sobre o cordel. - Observar, no cordel "As maldades de uma sogra encrenqueira", as características do cordel. 	- Caderno; - Lápis.	01 aula
3. ORGANIZAÇÃO DO JOGO "AS MALDADES DE UMA SOGRA ENCRENQUEIRA".	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar as regras do jogo. - Selecionar unidades lexicais para que os alunos criem sinônimos e antônimos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ver as regras no tópico a seguir. - Realizar o jogo. - Ganha quem tiver mais acertos. 	- Papel e envelopes	02 aulas
4. PRODUÇÃO FINAL: CORDEL DE OPINIÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Construir um cordel de opinião sobre "As maldades de uma sogra encrenqueira.", utilizando unidades fraseológicas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer o texto e a xilogravura. 	- Caderno; - Papel A4; - Lápis ou caneta.	01 aula
5. EDITORAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Rer e revisar o cordel para publicação; - Digitar os textos finalizados; - Confeccionar uma revista <i>online</i> dos alunos para ser apresentada à comunidade escolar através de um <i>blog</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> - Revisão e digitação do texto para a publicação no blog, observando as correções indicadas pela professora. 	- Papel A4; - Dicionário; - Sala de informática.	02 aulas

62

Fonte: elaborada pelas autoras

Os registros da aplicação da referida sequência estão expostos a seguir:

Figura 4: Aula de produção de cordel (parte 1) na disciplina Língua Portuguesa 2, do curso de Desenho Industrial, 2019.2, na Universidade Federal da Bahia



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 5: Aula de produção de cordel (parte 2) na disciplina Língua Portuguesa 2, do curso de Desenho Industrial, 2019.2, na Universidade Federal da Bahia



Fonte: Acervo da autoras.

Figura 6: Aula de encerramento na disciplina Língua Portuguesa 2 do curso de Desenho Industrial, 2019.2, na Universidade Federal da Bahia



Fonte: Acervo das autoras.

A seguir, está o jogo “As maldades de uma sogra encrenqueira”.

JOGO: “AS MALDADES DE UMA SOBRA ENCRENQUEIRA”

Etapa 01: Leitura do Cordel – Apresentação da situação, produção inicial e avaliação diagnóstica:

Antes de começar o jogo, é importante que o docente desenvolva a compreensão leitora do cordel. Ver os seguintes vídeos da cordelista Isabel Nascimento no YouTube sobre a Literatura de Cordel. Um deles é sobre como se fazer um cordel: <https://www.youtube.com/watch?v=i-2pqWVJBOzY>. Há um outro vídeo sobre a musicalidade do cordel: https://www.youtube.com/watch?v=oubxy_jdN2E. Essa atividade pode ser feita em uma aula.

No cordel utilizado “As maldades de uma sogra encrenqueira”, é importante que, antes da leitura, haja a discussão sobre o estereótipo de uma sogra e faça a interpretação da xilogravura do cordel e a pergunta: Como vai ser a história? O que essa xilogravura tem a ver com a história? Ver o vídeo que mostra como fazer a xilogravura: <https://www.youtube.com/watch?v=4p96AWO5Kgw>

Pedir aos alunos que anotem as inferências sobre o que vão ler a partir da xilogravura do cordel “As maldades de uma sogra encrenqueira”.

Ao desenvolver a leitura, fazer pausas e criar perguntas para deixar os alunos curiosos para saber o que vai acontecer.

No final, observar como foram as expectativas dos alunos sobre a história e ver se aconteceu o que eles achavam que iria acontecer.

Essa etapa pode ser feita em duas aulas seguidas.

Etapa 02: Apresentação do jogo

JOGO “As maldades de uma sogra encrenqueira”.

Objetivo: discutir a diversidade da língua portuguesa.

Observar, no cordel, as palavras que marcam a diversidade linguística e cultural de Sergipe.

O público destinado são os alunos do ensino fundamental de português como língua.

O número possível de jogadores equivale a quantidade de palavras marcadas no cordel ou esse jogo pode ser feito em grupos.

A apresentação pode ser feita em uma aula.

Etapa 03: Organização do jogo

Para o jogo, os objetos utilizados são o cordel e as palavras selecionadas pelo professor. Elas estão apresentadas abaixo. Elas podem ser colocadas num envelope e os alunos a retiram para responder a questão do jogo.

Os jogadores podem atuar individualmente ou em equipes. É o docente que vai decidir.

As peças do jogo são palavras do cordel, colocadas de forma solta num envelope. A distribuição é feita para os jogadores com sorteio. Pedir aos alunos os sinônimos e antônimos dessas palavras do cordel.

Esse jogo deve ser feito em duas aulas seguidas.

Etapa 04: Cordel de opinião

Produção de um cordel com a sua xilogravura para o autor do texto, colocando a opinião sobre o texto lido.

Regras e realização do jogo

- O jogo é organizado da seguinte forma: os jogadores que conseguirem apresentar o sinônimo e o antônimo dos vocábulos apresentados ganham ponto.
- O vencedor é aquele que apresentar mais pontos no momento em que todas as palavras do cordel já tiverem sido apresentadas.
- O jogo termina quando todas as palavras do cordel presentes no envelope já tiverem sido discutidas.
- Os resultados alcançados são registrados quando os jogadores apresentarem sinônimos e antônimos pertinentes ao cordel lido.

Jogo de sinônimos e/ou antônimos do Cordel “AS MALDADES DE UMA SOGRA ENCRENQUEIRA”. Autores: Ronaldo Dória e João Firmino Cabral

- Fazer a leitura do cordel e levantar os sinônimos e antônimos dos trechos em negrito. Aquele que acertar mais ganha o jogo.

Era uma moça bonita
Muito nova e educada
Com um sorriso bem lindo
Uma pele aveludada
Logo conquistou meu primo
Com o seu porte de fada. (p.01)

Ela era o paraíso
Com quem viva a sonhar
Gravou seu belo sorriso
Na tela de seu olhar
E logo sentiu desejo
De com ela se casar. (p. 01)

A velha era muito magra
Abelhuda e fuxiqueira
Tinha um olhar de serpente
Era feia e **encrenqueira**
A quem podia chamar-se
De “**briga de fim de feira**”. (p. 02)

Dentro da blusa apertada
Parecia uma pamonha
A boca quase banguela
Se fazendo de risonha
Os convidados diziam;
- “Eita” velha sem vergonha. (p. 02)

Zebedeu disse pra noiva:
- Sua mãe ninguém controla
A velha já meio bêbada
Pulava como uma bola
Ainda gritou: Preparem-se
Que vou tirar **a calçola**. (p. 03)

Lá no quarto do casal
Não houve **“lua de mel”**
Porque a velha na porta
Dava pancada cruel
Dando grito e se mordendo
Parecendo um cascavel. (p. 03)

Do que foi posto na mesa
Queria tudo pra ela
Até pra tomar refresco
Ela usava uma tigela
Bebia café num caco
Comia numa gamela. (p. 03)

Meu primo se sentiu mal
Com essa megera
Rezou pra ela cair
No fundo duma cratera
Porém nem mesmo o vulcão
Aceitou aquela fera. (p. 04)

Meu primo com a esposa
Foram assistir a novela
Daí a pouco chegou
A tal velha tagarela
Sentou-se em frente a TV
Tapando assim toda tela. (p. 04)

Uma sogra rabugenta
Nem o satanás suporta
É igual a **besta fera**
Faz mal até mesmo morta
E como um pau empenado
Até sua cinza é torta. (p. 04)

Se Zebedeu com a Rita
Vão ao parque da cidade
Diz a velha: Eu vou também
Gozar a mocidade
Lá vou dançar rebolexo
Até matar a vontade! (p. 05)

O leitor já entendeu
Que a **velha é uma bruaca**
Tem a língua venenosa
Como **cobra jararaca**
Tem peçonha de lacraia
E **a cabeça de vaca.** (p. 05)

Inda lhe mandou um verso
Escrito dessa maneira:
-Minha sogra, esta cadela
Rabugenta e com coceira
Pra ser igual a senhora
Só falta ser **encrenqueira.** (p. 06)

Mas a velha deu troco
Como uma cobra assanhada
Disse: Meu genro não presta
Só vive com palhaçada
Minha filha já falou
Que **ele não é de nada.** (p. 07)

Que até mesmo na cama
Não dar conta do recado
Deita virado pro canto
É frouxo, fracassado
Que até tem a impressão
Que Zebedeu é... (p. 07)

Ela falou: Minha filha
Disse que não gosta dele
E que nunca viu no mundo
Um **cara frouxo** daquele
E qualquer um dia desses
Vai botar um chifre nele. (p. 07)

Quando a mulher teve um filho
Fez a velha um alarido
Disse: Esse com Zabedeu
Nem siquer é parecido
Parece é com o vizinho
Esse **“é cagado e cuspidor”** (p. 08)

Mas existe sogra boa
Quando o genro a considera
É uma segunda mãe
Quem fala não exagera
Um genro mau é quem faz
A sogra **ser uma fera.** (p. 08)

68

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há poucos estudos sobre o cordel e o ensino de língua e isso justifica a importância de uma pesquisa como essa. É necessário destacar também que a didática do fraseologismo é pouco utilizada em ensino de língua. Desse modo, uma pesquisa como essa vai estimular muito pesquisadores e docentes a desenvolverem mais investigações relacionadas a esse assunto.

Assim, pôde-se observar que houve muitos exemplos de fraseologismos nos cordéis analisados. O exemplário organizado evidencia o quanto a variedade da língua portuguesa é grande e o quanto a aula de língua portuguesa vai ser enriquecida ao utilizar unidades fraseológicas presentes na literatura de cordel.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A fraseologia como marca do léxico regional-popular. In: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane. (Orgs.). **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016.
- ASSIS, Izaías Gomes de. **Provérbios populares em cordel**. Literatura de Cordel. [Folheto de Cordel].
- BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. Fraseologia: Discurso, Interculturalidade e Tradução. In: SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia; CIA: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: UEL, 2012.
- CANALE, Michael. De la competencia comunicativa a la pedagogía comunicativa del lenguaje. In: LOBERA, M. et al. **Competencia Comunicativa** (documentos básicos en enseñanza de lenguas extranjeras). Madrid: Edelsa, 1995. p. 63-81.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARNEIRO, R. M. O. O jeito que a gente diz. **Domínios de Linguagem**, v. 11, n. 3, p. 1075-1083, 1 out. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37156>. Acesso em: 17 de julho de 2020.
- CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.
- FERNANDES, Márcia. **Provérbio de Ditados**. <https://www.todamateria.com.br/proverbios-e-ditados/>. Acesso em 03/04/2019.
- GROSS, Gaston. **Les expressions figées en français**. Les noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.
- GROSS, Gaston. **Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique**. Langages, v. 63, p. 7-52. 1982.
- LEMAIRE, Ria. Para que nunca descure a rosa da tradição. In: CONTE, Daniel; AGUIAR, Rafael Hofmeister de. **Vozes da cultura popular: tradição, movência e ressignificações**. São Leopoldo, RS: Trajetos Editorial, 2015.
- MEJRI, Salah. **Le figement lexical: description linguistiques et struction sémantique**. Manouba: Publication de la Faculté de Lettre de Manouba, 1997.
- MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia** (volume 1): Era uma vez um Patinho Feio no ensino de Língua Portuguesa. Fortaleza/CE, Imprensa Universitária/UFC, 2014.
- PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Os fraseologismos no português falado no Nordeste Brasileiro: unidades fraseológicas para designar a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro**. Feira de Santana-BA: A Cor das Letras, 2018.
- PAIM, Marcela Moura Torres; OLIVEIRA, Josane Moreira de. **Fraseologismo no vestuário do Brasil: contribuições do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Três Lagoas/MS: Guavira Letras, 2018.
- PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. **La enseñanza de las unidades fraseológicas**. Madrid: Arco/Libros, 1999.
- ROIPHE, Alberto. Folheto de cordel: um gênero verbo-visual. In: ROIPHE, Alberto; FERNANDEZ, Marcela Afonso. (Orgs.); SAMPAIO, Carmen Lúcia Vidal (Orgs.). **Gêneros textuais: teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

SFAR, Inès. **Figement et incorporation: l'établissement d'un concordancier bilingue** (français-arabe). Meta, n. 55, Montréal, 2010, p. 158-167.

SILVA, Andréa Betânia da. **Trabalho com cordéis em sala de aula: pendurando preconceitos e colhendo frutos.** Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem12pdf/sm12ss02_01.pdf. Acesso em 17 de julho de 2020.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. **Expressões idiomáticas e convencionais.** São Paulo: Ática, 1989.

ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las expresiones fijas.** Frankfurt eam Main: Peter D. Lang, 1980.

Referências dos textos relacionados às unidades fraseológicas

Dicionário informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/dormir%20no%20ponto/>. Acesso em 03 de maio de 2020.

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da Fraseologia, Brasileira:** o mais completo dicionário da língua portuguesa. 2.000 Verbetes/ 7.000 locuções. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inès; MEJRI, Salah. **Nas trilhas da Fraseologia:** a partir de dados orais de natureza geolinguística. Salvador: Quarteto, 2018.

Slango: dicionário de gírias e expressões. Disponível em: <https://slango.com.br/pt/a-coisa-feder>. Acesso em 04 de maio de 2020.

70

Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/proverbios-e-ditados/>. Acesso em: 05 de maio de 2020.

XATARA, Cláudia. **Dicionário de expressões idiomáticas:** português do Brasil e de Portugal – Francês da França, da Bélgica e do Canadá. Disponível em: <http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/busca.php>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

Referência dos cordéis utilizados

ASSIS, Izaías Gomes de. **Provérbios populares em cordel.** Cordel do Rio Grande do Norte. [Folheto de Cordel]

CABRAL, João Firmino. **O exemplo da moça que dançou com o diabo no inferno.** [Folheto de Cordel]

DANTAS, Ronaldo Dória. **Lampião - coisas do cangaço.** [Folheto de Cordel]

DANTAS, Ronaldo Dória. **Cordel: Coisas do Sertão.** Ronaldo Dória. [Folheto de Cordel]

DANTAS, Ronaldo Dória. **Uma mulher fofoqueira.** [Folheto de Cordel]

DANTAS, Ronaldo Dória; CABRAL, João Firmino. **As maldades de Uma sogra Encrenqueira.** [Folheto de Cordel]

MENDONÇA, Carlos. **As safadezas do PADE KIBA: O Padre que desafiou ao poder e com 69 raparigas teve 150 filhos.** [Folheto de Cordel]

MENDONÇA, Carlos. **Velho Chico: Guerras, Lendas, Bandidos e Heróis do Rio São Francisco.** [Folheto de Cordel]

MENDONÇA, Carlos. **A Feira de Itabaiana: A mais importante, folclórica e tradicional feira do Nordeste.** [Folheto de Cordel]

NASCIMENTO, Izabel. **Grupo Vocal Vivace: Sergipe, Amor e Forró! - É proibido cochilar.** [Folheto de Cordel]

NASCIMENTO, Isabel. **Receita da boa mulher.** [Folheto de Cordel]

NASCIMENTO, Ana Santana do. **A dor de barriga.** [Folheto de Cordel]

NASCIMENTO, Maria Salete da Costa. **As proezas dos irmãos Virgílio e Florisval.** [Folheto de Cordel]

SANTANA, Ana; NASCIMENTO, Izabel. **Cordel de Mãe e Filha.** [Folheto de Cordel]

SANTOS, Valeriano Feliz dos. **A mulher que se casou dezoito vezes...** [Folheto de Cordel]

Referências da sequência didática

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas.** Campinas: Pontes, 2002.

CRUZ, Maria Cristina Fontes da. **As interferências no conto Missa do Galo.** Relatório de Pesquisa (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, 2020). Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11096/2/MARIA_CRISTINA_FONTES_CRUZ-Caderno_Pedagogico.pdf. Acesso em 04 de julho de 2020.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michelle; SCHNEUWLY, Bernad. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização de Roxane Rojo Gláís Sales Cordeiro. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

FERREIRA, Lucinete Maria Sousa. **Retratos da avaliação: conflitos, desvirtuamentos e caminhos para a superação.** Porto Alegre: Mediação, 2002.

GROSS, Gaston. **Degré de figement des noms composés. Langages**, v. 90, p. 57-72, 1988.

GROSS, M. **Les limites de la phrase figée. Langages**, v. 90, p. 7-22, 1988.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2007.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 2002.

MEJRI, S. **Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique.** Manouba: Publications de la Faculté des Lettres de Manouba, 1997.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I).** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo.** Salvador: Quarteto, 2019

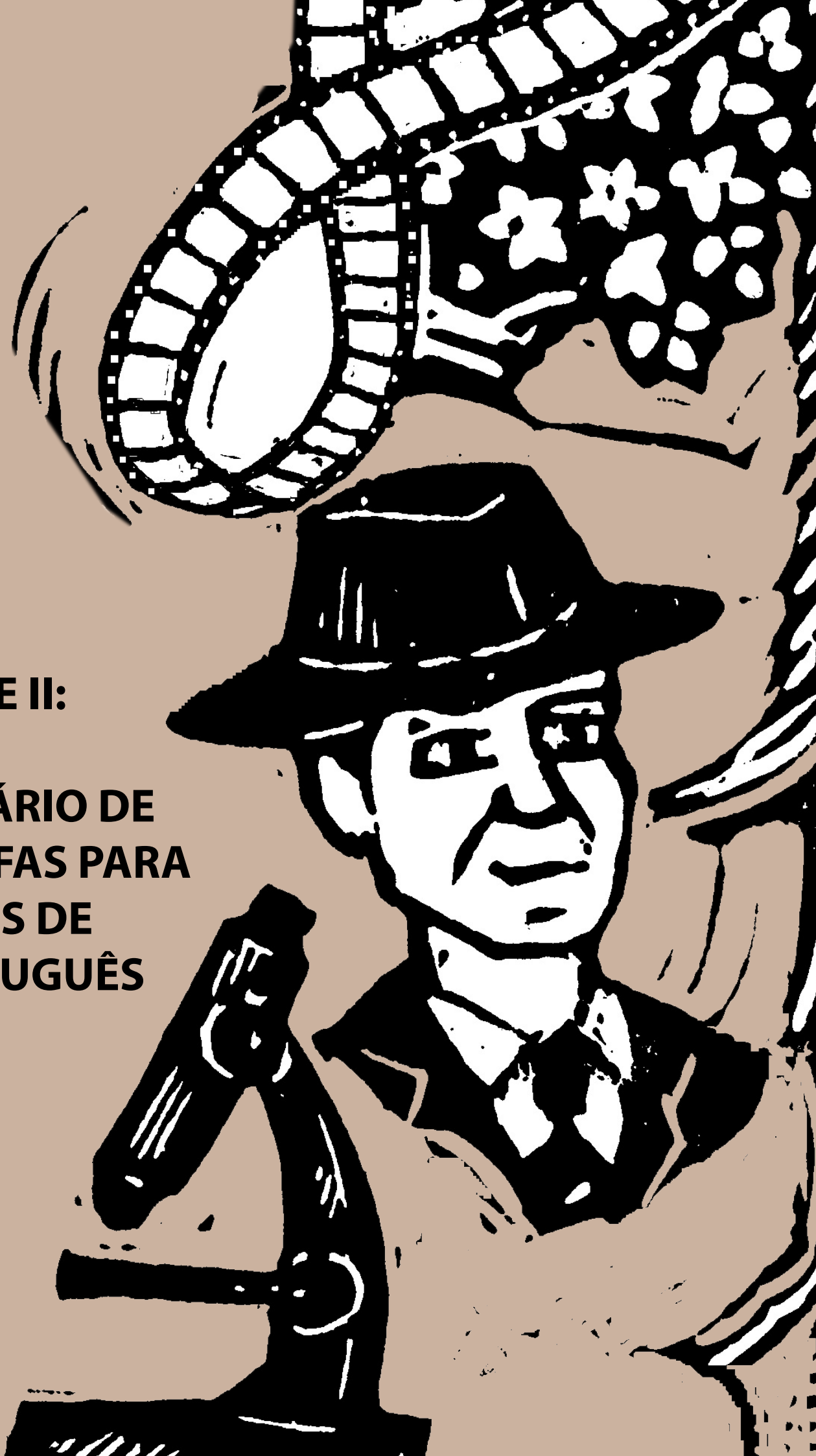
PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas.** Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ROIPHE, Alberto. **Fuxico – o disse me disse na literatura de cordel.** Aracaju: Criação, 2016.

SANTOS, Edleise Mendes Oliveira. **A abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas.** Tese de Doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PARTE II:

**FICHÁRIO DE
TAREFAS PARA
AULAS DE
PORTUGUÊS**



COMO E POR QUE UTILIZAR AS FICHAS DE TAREFAS

Os critérios para preparação das fichas foi a escolha de um elemento da descrição, sendo possível que os autores se utilizassem tanto de textos verbais quanto de textos visuais, incluindo os literários e/ou seus excertos, a fim de preparar um material que despertasse interesse nos leitores. Não se trata, portanto, de planos de aulas, mas de atividades a serem realizadas em sala durante uma aula.

Outro critério para a proposta de atividades foi a utilização de, ao menos, duas das quatro modalidades da língua (falar, ouvir, ler e escrever), a fim de se contribuir também para o seu ensino/aprendizagem.

Dentre as possibilidades de tarefas, foram sugeridas aos participantes: leitura dramática de texto descritivo; invenção de um verbete; descrição de um produto para propaganda; elaboração de uma adivinha; comparação de aspectos estéticos de trechos descritivos de livros e filmes; gravação da voz de trechos descritivos de obras literárias; palavras cruzadas – a partir de nomes descritos; jogo de tabuleiro – a partir de instruções descritivas; currículo de uma pessoa e/ou de uma personagem; levantamento de palavras de um mesmo campo semântico a partir de uma imagem; descrição de uma imagem; letras descritivas de canções da MPB; o papel do adjetivo na descrição; o papel da comparação na descrição, entre outras tantas. Todas elas, formas lúdicas e lúcidas para se estudar textos descritivos.

A ideia, portanto, é que ao preparar a sua aula, o professor, querendo explorar os elementos da descrição, possa escolher alguma ficha de tarefas para realizar suas atividades com os estudantes da Educação Básica. É evidente, entretanto, que, embora tais fichas sejam um material didático-pedagógico já preparado, poderão ser adaptadas em função dos textos escolhidos para o trabalho e dos objetivos da aula.

Caracterizando personagens

Vamos fazer a leitura do conto "O patinho feio" de Hans Christian Andersen. Disponível em: [8105_o_patinho_feio.pdf \(diaadiaeducacao.pr.gov.br\)](http://8105_o_patinho_feio.pdf(diaadiaeducacao.pr.gov.br)). Acesso em: 30/05/2022

Agora vamos escrever de forma coletiva as características físicas e psicológicas da personagem principal: como ele era fisicamente? Quais suas atitudes diante das críticas dos outros patos? Como se sentiu ao final da história? Como passou a se enxergar?

Façamos agora a leitura de um outro conto: o patinho bonito de Marcelo Coelho. Disponível em : [Banco de Dados Folha - Acervo de Jornais \(uol.com.br\)](http://Banco de Dados Folha - Acervo de Jornais (uol.com.br)). Acesso em: 30/05/2022.

As personagens principais dessas histórias tem características semelhantes? Essas características colaboram para que entendamos a história? Quais são as características físicas e psicológicas do Patinho Bonito?

Esses dois textos são semelhantes em alguns aspectos, visto que o conto "O patinho bonito" é uma recriação do conto "O patinho feio". O autor Marcelo Coelho fez alterações nas características da personagem principal, bem como do ambiente em que nasceu e nas reações das pessoas ao seu redor. Essas características tão marcantes, que enriquecem a descrição das personagens e do ambiente chamamos de adjetivo.

Chegou o momento de você também recriar o conto "O patinho feio". Escolha adjetivos para descrever como será sua personagem principal. Pense também na descrição de um ambiente para sua história. E as personagens secundárias que irão participar, como serão? Descreva todos aspectos detalhadamente, seja criativo(a)!

Descobrimo o conto

Os contos de Machado de Assis têm uma trama instigante e envolvente. Para colaborar com a leitura e enriquecer o domínio cultural dos estudantes, nada melhor que descobrir o conto por meio de uma dinâmica, com a ajuda da descrição. Assim, instigue a curiosidade dos alunos dando pistas até que eles consigam descobrir qual é o texto. Uma boa ideia é começar pelo título!

1. É um dos contos mais famosos de Machado de Assis.
2. O título é composto por apenas um artigo definido e um substantivo comum de dois gêneros.
3. Um dos personagens é uma profissional autônoma da área da astrologia.
4. O título faz referência à profissional que diz-se capaz de prevê o futuro.
5. Seu principal instrumento de trabalho são as cartas

Após a descoberta do título do conto, leve-os a imaginar qual seria a trama desse conto. Ouça as suposições de cada um e em seguida faça um breve comentário sobre a trama, pois eles serão encarregados de descobrir essa história, através da próxima tarefa.

Divida o conto em partes para que por meio da descrição dos eventos os alunos montem as partes formando o todo, por exemplo, a chegada de Camilo, depois a morte de sua mãe, a aproximação dele com Rita, as idas à cartomante, a primeira suspeita, até chegar no desfecho. Separe este em um envelope a parte contendo outros prováveis desfechos para que eles escolham o que mais estiver de acordo com suas aspirações. Essa será a última tarefa.

• MODELOS DE PROVÁVEIS DESFECHOS

1. “O tálburi parara em frente à casa de Vilela, que esperava em pé à porta, de braço dado com Rita. Como o passageiro não desembarcava, o cocheiro acreditou que tivesse adormecido e desceu para chama-lo e abrir-lhe a portinhola do carro. Vilela desceu os degraus da entrada da casa para ir ter com o amigo que chegava. Notou o embaraço do cocheiro e aproximou-se para ajudar. Parou ao lado do tálburi e lívido de susto viu o amigo: olhos muito abertos, mas que já nada viam, estava morto. Vilela cuidou de tudo com desvelo, como já houvera feito no passado quando a mãe de Camilo falecera. Durante todo o transe e sepultamento, Rita não dissera uma palavra. Só à noite, tudo terminado, Vilela disse a Rita que aquilo de morrer de repente era comum na família de Camilo, coisas do coração. Rita caiu-lhe nos braços arrebatadamente.”

(extraído de: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/2807067>)

2. “- Queria apenas pedir-lhe um favor...
-E que favor seria esse, caro amigo?
De repente ouviu-se um barulho de sapatos como se alguém subisse as escadas vagarosamente. Eram Rita e a Cartomante que adentravam à casa. Com uma espingarda e num ímpeto de fúria, Rita atira, mata os dois amigos e em seguida a cartomante.
Apenas uma certeza temos, a de que a cartomante não acertara o destino de ninguém, nem dela própria.”

(extraído de: <https://brainly.com.br/tarefa/2564082>)

3. “Daí a pouco chegou à casa de Villela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Villela.
— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?
Villela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pode sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Villela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.”

(extraído do próprio conto)

4. “A cartomante diz a Camilo que não volte pra casa de Rita, pois Rita não está mais lá... Rita o espera em determinado local e fogem pra bem longe dali. Camilo acredita na cartomante e faz o que ela manda, se encontra com Rita e somem do mapa e vão viver uma vida a dois, bem longe dali. Sentindo

a falta da esposa, Vilela se desespera e os procura sem encontrar. Depois de um mês, abatido, retorna a sua casa e cego de amor e ciúme, comete suicídio.”

(extraído de: <https://brainly.com.br/tarefa/2564082>)

5. “Camilo chega à casa de Vilela:

-Desculpa, não pude chegar mais cedo, que há?

Vilela leva Camilo até a sala onde está Rita com um olhar amedrontado.

- Bem Camilo - disse Vilela - já sei de tudo o que anda acontecendo entre você e Rita. Não esperava que você fizesse tal coisa comigo, sei que como esposo me achei em faltas perante Rita, mas você, meu amigo, foi difícil acreditar que tivestes feito isso.

-Mas Vilela... - Vilela não permite-o acabar a frase e vai logo dizendo:

-Já conversei com Rita e ela quer ficar com você, então se vão daqui, já!

Camilo vai embora com Rita. De lá, saiu com um olhar cabisbaixo, não queria que as coisas acabassem assim.

Vilela depois de um bom tempo, se casou novamente e Rita e Camilo Já morando em um outro estado, tiveram dois filhos e vivem muito felizes.”

(extraído de: <https://brainly.com.br/tarefa/2564082>)

Ao concluir essas atividades, deixe-os livres para comentar sobre as expectativas do desfecho e peça que eles descrevam como esperavam que o conto fosse finalizado.

DESCREVENDO SENSações DE RELAXAMENTO E ENTREGA: O CORPO EM FOCO

Escolha um espaço tranquilo em que você possa se deitar. Preferencialmente, um local com boa ventilação e pouco barulho, que facilite sua entrega a essa experiência de relaxamento consciente. Deitada/o de barriga para cima, braços ao longo do corpo, leve a atenção à sua respiração. Deixe seu corpo imóvel e entregue ao solo. Observe com atenção o que acontece quando você inspira. Observe o que acontece quando você expira. Quais partes do corpo se movem na inspiração? Como se movem? Quais partes se movem na expiração? De que modo? Observe o ritmo da sua respiração, sem interferir ou alterar. Apenas observe. Há alguma parte do seu corpo mais retesada? Você entregou seu peso ao chão? Tome agora uma respiração mais longa e ao expirar, entregue ainda mais o peso do seu corpo ao chão. Inteiramente.

Vamos agora fazer um escaneamento de seu corpo! Sempre deitada, leve sua atenção as partes do corpo que tocam o chão. Começando pelos seus pés. Sinta o contato da pele, dos ossos com a superfície onde está deitada/o. Observe a temperatura. Ceda seu peso ao chão, entregue. Vá agora subindo para as pernas, as panturrilhas (batatas das pernas), as cochas. Observe também as partes que não tocam o solo. Sinta o ar e o espaço entre seu corpo e o chão. Continue subindo, chegando agora aos seus quadris. As nádegas. Partes moles e duras do seu corpo. Sempre levando a intenção de ceder mais e mais seu peso ao chão, distensionando, descontraindo, relaxando parte por parte. Siga agora por toda a extensão de sua coluna. Da lombar até o alto das costas. Observe partes que tocam e partes que não tocam ao chão. Cedendo. Entregando.

Por fim, chegue até seu crânio, cedendo seu peso. Siga até os braços. Relaxe ombros, músculos e ossos se esparramam no chão. Após esse escaneamento de todo o seu corpo, procure apreendê-lo em sua totalidade e volte a observar sua respiração. Lentamente, pouco a pouco, vá despertando os movimentos, começando pelos pés, realizando pequenos círculos que vão se espalhando para as pernas, para as nádegas, para as costas, pernas e Cabeça, culminando num grande espreguiçar. Boceje, suspire, amplie o espaço de seu corpo no chão com grandes espreguiçares. Como se sente? O que observou? Por escrito, descreva agora as sensações que percebeu ao longo de toda a atividade. Seja minuciosa/o, detalhando sua pesquisa e investigação.

O ESTRANHAMENTO DO OBJETO

Façamos juntos a leitura da canção *As coisas*, composta por Arnaldo Antunes e Gilberto Gil:

As coisas

As coisas têm
peso, massa, volume,
tamanho, tempo,
forma, cor,
posição, textura,
duração, densidade,
cheiro, valor,
consistência, profundidade,
contorno, temperatura,
função, aparência,
preço, destino,
idade, sentido.

As coisas não têm paz.

<https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/91403>.

Agora, vamos ouvi-la, a partir do link a seguir:

<https://www.youtube.com/watch?v=f6zbNzazCMs&t=21s>

(Quem se sentir à vontade poderá também cantar!)

DICAS PARA A DESCRIÇÃO DE OBJETOS

Observe que, para percebermos mais amplamente as **características de objetos** que se encontram ao nosso redor, precisamos acionar diversos **órgãos do sentido**: visão, audição, paladar, olfato, tato. Devemos aguçar a nossa percepção e atentar aos pormenores, isto é, aos mais variados **detalhes do objeto** que pretendemos descrever. Podemos pensar sobre:

- o **lugar** onde esse objeto é encontrado (sua procedência);
- o **formato** do objeto (comparando-o, por exemplo, a figuras geométricas);
- a **dimensão** do objeto (largura, altura, comprimento, diâmetro etc.);
- o **material** de que é feito o objeto (madeira, papel, metal etc.).

Além dessas características, podemos estimar o **peso**, verificar a **cor**, as **texturas**, observar se é constituído de uma **única parte** ou de **várias partes** interligadas, se tem **sabor** ou algum **odor**, se emite **sons**, dentre outras particularidades que julgarmos importantes.

Quanto mais detalhes apresentarmos a alguém a respeito de um objeto, mais fácil poderá ser a identificação desse artefato.

Para testar a nossa percepção e a habilidade de retratar detalhadamente um objeto, faremos uma **brincadeira** que consiste em **DESCREVER as características de algum objeto**, como se este fosse desconhecido, como se o observássemos pela primeira vez. Para buscar inspiração, vamos ler um fragmento de uma canção dos compositores Paulo César Pinheiro e Sueli Costa, interpretada pela cantora Ana Carolina, afim de tentar adivinhar qual o objeto descrito:

Um dia eu vi numa estrada	Fazia cordas de prata
Um arvoredo caído	Que, se esticadas, vibravam
Não era um tronco qualquer	O corpo da mulher nua
Era madeira de pinho	E o artesão finalmente
E um artesão esculpia	Nesta mulher de madeira
O corpo de uma mulher	Botou o coração
Depois eu vi pela noite	E lhe apertou contra o peito
O artesão nos caminhos	E deu-lhe um nome bonito
Colhendo raios de lua	Assim nasceu o [...]

<https://www.vagalume.com.br/ana-carolina/o-violao.html>

Que nome deve ter sido dado a esse objeto?

Agora, vejamos um texto descritivo, em prosa, escrito como se o nome do objeto fosse desconhecido:

Na maioria das vezes tenho a forma de um tijolo. Claro que não sou tão grande quanto ele. Sou uma casa, com muitos habitantes bastante magros e de cabelos negros. Geralmente sou escura e em uma das minhas paredes externas possuo um painel colorido, que me cobre inteira. Em outras duas paredes possuo algo parecido com lixas, que são verdadeiras armas contra meus habitantes. Se esbarram com força nelas, eles morrem, exalando um cheiro característico. Não custo caro. Acho quase impossível viver sem minha presença. Sou muito útil em qualquer lugar, em qualquer parte do mundo, mas ninguém me dá o devido valor: cada habitante meu que morre é jogado fora, displicentemente.

<https://escutadainfancia.com.br/o-que-e-o-que-e/>

Chegou a hora de você PRODUZIR UMA DESCRIÇÃO! Para isso, retome as DICAS PARA A DESCRIÇÃO DE OBJETOS. É importante lembrar-se de não revelar o nome do objeto descrito, pois caberá à turma adivinhar do que se trata. Seja criativo(a)!

DESCRIÇÃO DE PRODUTOS EM ANÚNCIO PUBLICITÁRIO: O PAPEL DO ADJETIVO

Atenção.

Na loge de Antonio Francisco, rua das Convertidas n. 21, chegou ultimamente novo e variado sortimento de fazendas abaixo mencionadas; a saber: cortes de vestidos de seda, idem de cambraia branca bordada, idem de barege de seda, idem de tarlatana bordada, chaly, cambraia branca e de cores, chitas francezas, organdy com lindas cores matizadas, bramante de puro linho, proprio para lençol, com mais de duas varas de largura; panno de linho adamascado para toalhas de mesa, chales de merinó, lisos, bordados e estampados; idem de alpocalina, filó de linho, liso e bordado; tarlatana de cores, botões de seda para enfeites e arregaços de vestido, balões de 13 a 30 arcos, chapéos de palha a Garibaldi, para senhoras chapelinas de seda e de palha italiana, do mais moderno gosto; panno fino azul ferrete proprio para militar, e de diversas cores; finissima perfumaria, tintura para barba, e diversas fazendas, que vende por preço commodo.

PU60/16-09-1862 (Fonte: ALDRIGUE, Ana Cristina de Sousa; NICOLAU, Roseane Batista Feitosa (Orgs.). Quem pretende comprar dirija-se a... Coletânea de anúncios paraibanos do século XIX. João Pessoa: Editora UFPB, 2009, p. 22).

Selecione alguns adjetivos que acompanham os produtos divulgados no anúncio. Por se tratar de um anúncio que circulou em tempos passados, há algum adjetivo que você desconhece o significado?

Faça uma lista dos adjetivos que você desconhece e pesquise, no dicionário, o significado.

Qual é o papel dos adjetivos que acompanham os produtos divulgados neste anúncio publicitário?

Em substituição a sequência descritiva dos produtos divulgados neste anúncio do século XIX, os anúncios atuais podem utilizar qual(is) recurso(s)?

BOCA DE JAMBU

O jambu é uma planta herbácea com 20 a 30 cm de altura, caule cilíndrico, carnoso, decumbente e ramificado (SANTOS; PASCOAL, 2013). Ele é um tipo de hortaliça muito conhecida e consumida no Norte do Brasil, principalmente na culinária paraense, estando presente em pratos típicos como pato no tucupi, tacaca e caruru, dando um toque especial e sensação de ardor e dormência nos lábios. Com base nas características dessa planta e principalmente nos efeitos causados pelo consumo da folha e da flor, a sabedoria popular regional cunhou a expressão ou fraseologismo *boca de jambu*, como ilustrada a seguir.

Figura 01 – Boca de jambu



80

Disponível em: <https://www.facebook.com/bocadejambubragancapara/>. Acesso em: 9 ago. 2022.

Reúna com seus amigos e pergunte se conhecem o significado dessa expressão popular e formas variantes. Em caso negativo, faça uma pesquisa nos dicionários gerais de Língua Portuguesa e/ou na *internet* e explique a relação estabelecida entre o fraseologismo mencionado e as características ou propriedades atribuídas ao jambu. Descreva os efeitos que essa planta geralmente provoca em quem a consome.

REFERÊNCIAS

SANTOS, V. F. N.; PASCOAL, G. B. Aspectos gerais da cultura alimentar paraense. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição – Rasbran**. São Paulo, SP, Ano 5, n. 1, p. 73-80, Jan-Jun. 2013. Disponível em: <https://www.rasbran.com.br/rasbran/article/view/10>. Acesso em: 08 ago. 2022.

Descrição psicológica do personagem

—Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos...

Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto,—os olhos, que eram a sua feição mais insinuante,— negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento. Não dizem as crônicas se D. Evarista brandiu aquela arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a ciência, ou, pelo menos, decepar-lhe as mãos; mas a conjectura é verossímil. Em todo caso, o alienista não lhe atribuiu intenção. E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superfície da fronte quieta como a água de Botafogo. Talvez um sorriso lhe descerrou os lábios, por entre os quais filtrou esta palavra macia como o óleo do *Cântico*:

—Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro.

Machado de Assis



81

Paleta literária

(ênfase no conto)

Leia o recorte retirado de um dos contos de Machado de Assis "O Alienista" e destaque os adjetivos que caracterizam a face e ao mesmo tempo a personalidade psicológica de Simão Bacamarte.

Em seguida, utilizando papel A4 pinte um esboço descritivo da face do médico de Itaguaí, a partir da descrição psicológica que aparece no recorte do conto.

Encontrando semelhantes descrições

No poema abaixo, o escritor sergipano Manoel Cardoso apresenta alguns nomes de frutos com uma descrição semelhantes a todos. Após a leitura do texto identifique qual é o termo que ele se utiliza para descrever esses frutos e apresente uma lista de outras descrições semelhantes de alguns dos frutos citados no poema.

Leia o texto:

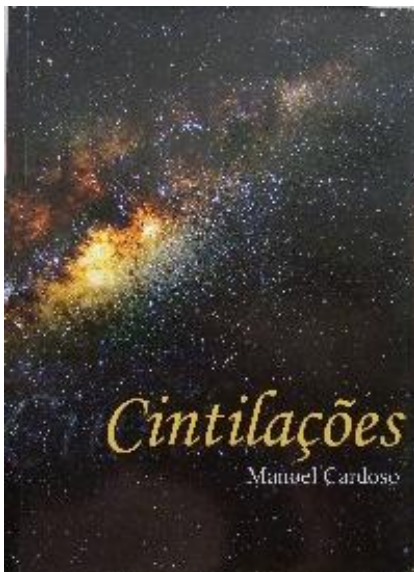
1- Termo semelhante utilizado para descrever os frutos:

2- Outras semelhanças entre os frutos apresentados no poema:

Gosto dos frutos

de sabores redondos
que a boca me enchem
e me fazem degustar suas vogais
com ímpeto medonho:
jabuticaba e carambola
jenipapo e graviola
manga rosa e mangaba
frutos que me enchem as mãos
de alegria, porque os apanho
tão perto, no quintal
e sei que não existem outros
nas curvaturas do globo
de sabor igual!

83



Fonte: Arquivo pessoal

Referência

CARDOSO, Manoel. **Cintilações**. São Paulo: Netebooks Editora, 2010, p. 77.

ENXERGAR ALÉM DA CENA



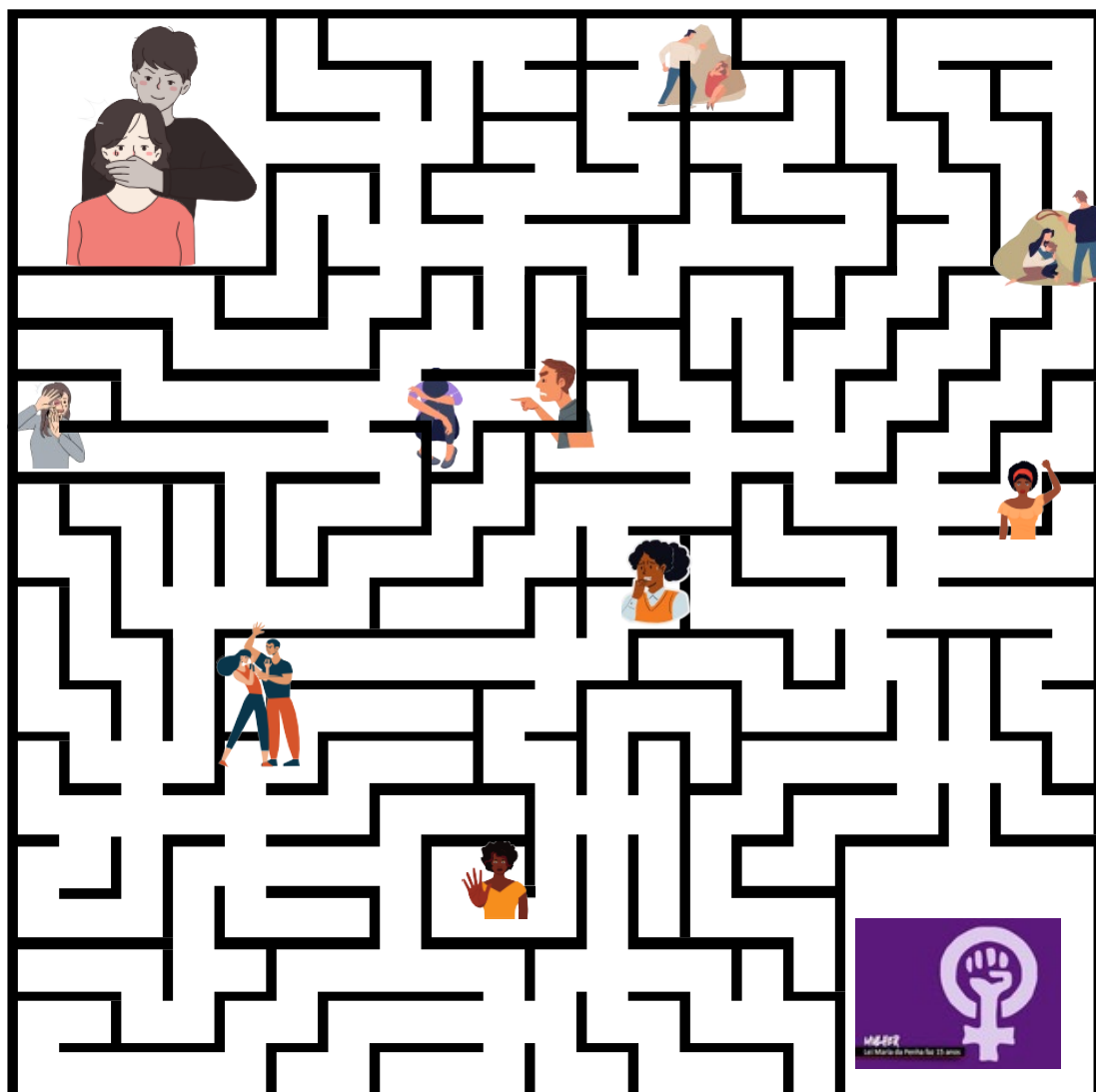
Ponte Jornalismo Brasil

A violência contra as mulheres representa uma das principais formas de violação dos Direitos Humanos. Pois, além de contribuir para a desigualdade de gênero, afeta diretamente direitos considerados fundamentais, como o direito à vida, o direito à saúde e à integridade física.

Descreva o que você vê na imagem. O que isso representa ou pode representar em relação à vulnerabilidade da mulher?

Após a leitura da matéria publicada em www.terra.com.br/nos/como-denunciar-violencia-domestica-e-familiar-em-seguranca,4adbf56da63e38ce6539fb305c8e14d3szd3xirg.html, ajude a moça achar a saída do labirinto de violência em que ela se encontra. Em seguida, registre o passo a passo do que deve ser feito pra que outras mulheres também sejam ajudadas.

84



MODOS DE DESCREVER A PARTIR DE ADJETIVOS

Após a leitura dos seguintes trechos extraídos do romance “Iracema”, de José de Alencar, é possível termos uma imagem “fotográfica” do cenário e da personagem. Use sua imaginação e elabore seu próprio desenho que será compartilhado com a turma.

Trecho 1: “Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros [...]” (ALENCAR, 1993, p. 23)

Trecho 2: “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. [...] O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.” (ALENCAR, 1993, p. 24)

Observe que, nos dois trechos, vários adjetivos são usados: ou são representados por orações adjetivas, ou não são representados por essas orações. Por isso, identifique esses adjetivos e que realidade caracterizam, justificando sua resposta.

Descrevendo! Imagine que você seja publicitário(a) e tenha sido convidado(a) por uma empresa para elaborar um anúncio sobre a venda de um produto (ou no setor de cosmético, ou no setor de turismo ou no setor imobiliário). Elabore esse anúncio que será lido para toda a turma e, após essa leitura, justifique a importância dos adjetivos utilizados em sua descrição.

Pense nesta situação: você estava em um local onde presenciou algum tipo de violência. Depois, você foi convocado(a) por agentes policiais para elaborar uma carta ao Departamento de Apuração da Polícia, relatando as características desse local e das pessoas envolvidas. Como seria sua carta? Após escrevê-la, compartilhe com a turma e justifique a escolha de vários adjetivos (determinativos, avaliativos e classificadores).

“Jogo: Colega Oculto”: Como um dos focos da descrição é relatar, através de adjetivos, características físicas e psicológicas de pessoas em um momento estático do tempo, escolha um(a) colega de turma e descreva oralmente o antônimo de suas características, a fim de que a turma descubra quem é a pessoa.

Referência Bibliográfica: ALENCAR, José de. *Iracema* (1965). São Paulo: Moderna, 1993.

O PAPEL DO ADJETIVO NA DESCRIÇÃO

Texto 1 – Capa do cordel



Texto 2 – Trecho do cordel

Eu vou contar uma história
de um Pavão Misterioso
que levantou voo da Grécia
com um rapaz corajoso
raptando uma condessa
filha dum conde orgulhoso

Residia na Turquia
um viúvo capitalista
pai de dois filhos solteiros
o mais velho João Batista
então o filho novo velho
chamava-se Evangelista

86

Atividade 1

A capa do cordel *Romance do Pavão Misterioso* traz a imagem de um pavão bem como o título da obra. Se analisarmos do *ponto de vista factual*, isto é, do ângulo de observação descritivo, podemos utilizar os adjetivos como recursos linguísticos que contribuem para a construção da descrição.

- Que adjetivo presente no título contribui para a descrição do pavão?
- E se você fosse fazer uma descrição mais detalhada do pavão, como faria? Utilizando adjetivos, faça a descrição de modo que as pessoas que a lerem criem uma imagem mental sem ter que recorrer à imagem da capa?

Atividade 2

Numa descrição, os adjetivos estão ligados aos substantivos a que caracterizam. Leia as duas primeiras estrofes do cordel e observe que a descrição dos personagens é feita por meio de adjetivos. Faça uma lista estabelecendo a relação entre eles e os substantivos a que se referem.

Adjetivo

Substantivo

_____	_____
_____	_____
_____	_____

PELA JANELA

Leia o trecho em voz alta algumas vezes, captando, a cada leitura, os aspectos estéticos descritos. Se desejar, inclua entonações, sons e gestos a cada leitura.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa, e sentia-me completamente feliz.

[...]

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava história. Eu não a podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que ouvisse, não entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto, e às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu que não participava do auditório imaginava os assuntos e suas peripécias e me sentia completamente feliz.

(MEIRELES, Cecília. *Escolha o seu sonho*. São Paulo: Global, 2016)

Agora é a sua vez de criar sua crônica, inspirada no trecho de Cecília Meireles. A partir do tema “Minha janela se abria (abre) para...”, crie a sua crônica, livre e povoada de sensações! Se desejar, inclua uma foto ou ilustração baseada em sua criação.

RETRATO FALADO

A descrição é uma espécie de retrato verbal de uma pessoa, um objeto, uma paisagem, etc. Na literatura, a descrição física da personagem nos permite imaginar como ela é. Já a descrição do seu comportamento desperta a nossa simpatia ou antipatia por ela. Vamos ver quem e como os autores abaixo estão descrevendo suas personagens?

1. Jorge Amado, descrevendo a mãe de Dona Flor em *Dona Flor e seus dois maridos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
2. Erico Verissimo, descrevendo o protagonista de *Um certo capitão Rodrigo*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
3. José de Alencar, descrevendo a protagonista de *Iracema*. São Paulo: Almedina, 1994.
4. Monteiro Lobato, descrevendo a neta de Dona Benta em *Sítio do Picapau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
5. Ziraldo, descrevendo o menino de *O menino maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 2020.

1. Destacamos, dos livros e autores acima, a descrição de uma das personagens. Associe cada uma delas ao seu autor:

- () “Ele tinha o olho maior do que a barriga, tinha fogo no rabo, umas pernas enormes que davam para abraçar o mundo e macaquinhos no sótão (embora nem soubesse o que significava macaquinho no sótão)”.
- () “[...], a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado”.
- () “Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos”.
- () “Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas”.
- () “... a natureza de Dona Rozilda era mesmo consagrada a infernizar o próximo. Quando não estava contrariando alguém, sentia-se vazia e infeliz [...]. Aquilo não é uma mulher, é uma quarta-feira de cinza, termina com a alegria de qualquer um”.

2. Observe, nos textos, que a descrição pode ser feita de diferentes maneiras:

- a) pela atribuição direta de uma qualidade representada por um adjetivo: *hálito perfumado*
- b) por uma comparação explícita: *cabelos mais negros que a asa da graúna*
- c) por uma comparação implícita ou metafórica: *aquilo é uma quarta-feira de cinzas*

Volte aos textos e destaque mais um exemplo de cada tipo.

3. Qual descrição corresponde a um retrato positivo? E qual corresponde a um negativo? Por quê?

4. Você já percebeu que uma mesma característica pode ser descrita por um adjetivo pejorativo ou apreciativo? Por exemplo, uma pessoa que pensa demais antes de agir pode ser descrita positivamente como prudente ou ponderada, ou negativamente como indecisa. Isso provavelmente depende da simpatia ou antipatia que se tem pela pessoa ou se quer provocar em relação a ela.

LADO POSITIVO ☺	LADO NEGATIVO ☹
1. Uma pessoa que não fala muito pode ser reservada ou ...	a) () ... avarenta, sovina.
2. Uma pessoa que sabe muito pode ser culta, versada ou ...	b) () ... tagarela, matraca.
3. Uma pessoa que se interessa por tudo pode ser curiosa ou ...	c) () ... acanhada.
4. Uma pessoa que guarda mais do que gasta pode ser previdente ou ...	d) () ... sabichona, sabe-tudo.
5. Uma pessoa que fala muito pode ser loquaz, falante ou ...	e) () ... detalhista.
6. Uma pessoa que cuida dos detalhes pode ser meticulosa ou ...	f) () ... abelhuda.

6. Pense em outras características que possam ser descritas de maneira positiva e negativa e escreva aqui:

7. Vamos brincar de Retrato Falado? Você vai fazer a descrição de sua personagem favorita, mas sem dizer o nome de quem você está descrevendo. O objetivo é que as outras pessoas da sala deduzam, pela sua descrição, de quem você está falando. Comece assim: Minha personagem é de ... (romance, HQ, filme, etc.), é ... (homem, mulher, menino, menina, etc.), é... (alto, baixo, careca, cabeludo, etc.), se veste com ... (vestido, calça, etc.), é ... (curioso/abelhudo, culto/sabichão, etc.). Agora é a sua vez! *Minha/meu personagem é ...*

TECENDO A DESCRIÇÃO

A sequência didática que veremos aqui nos auxiliará a compreender o funcionamento dos adjetivos e das locuções adjetivas. Para isso, dividimos as ações em quatro etapas, sendo cada uma mediada por um gênero textual distinto. Assim, ao tecer esse quarteto descritivo, ampliaremos nossa percepção crítica para infinitas caracterizações.

1ª etapa: Leitura dramática de trecho descritivo

Primeiro, o professor apresenta a estrutura do texto peça teatral, tais como: o cenário, o figurino, a divisão e as intenções do texto, o nome e a movimentação das personagens no palco, o diálogo e a reação de cada uma delas. Este último elemento, conhecido por **rubricas de interpretação e de movimento**, será a base deste plano de aula. Neste momento, o aluno faz a leitura do texto peça teatral “O inferno são os outros¹”, adaptado do ensaio homônimo, autoria do filósofo francês Jean-Paul Sartre, destacando **os adjetivos** informados no **campo rubrica**.

2ª etapa: Caça-palavra

Após descrever os adjetivos presente nas **rubricas de interpretação e de movimento**, relacione-os dentro de um mesmo campo semântico e localize-os no caça-palavras abaixo:

B	K	R	I	O	C	O	D	A	I	D	E	T	N	E	B
E	Q	F	R	I	O	W	R	R	K	J	E	A	P	I	D
F	O	T	R	E	D	S	S	J	S	D	R	C	E	R	E
G	C	T	I	A	A	F	S	A	F	T	F	B	T	D	S
O	I	U	T	S	T	G	E	E	G	O	O	D	N	B	A
S	T	G	A	S	S	B	I	U	L	C	U	Z	E	A	N
O	A	D	D	M	U	A	P	A	T	I	C	O	I	A	I
V	M	Z	O	Ç	S	X	U	F	G	N	O	S	C	E	M
R	A	G	R	E	S	S	I	V	O	O	V	H	A	E	A
E	R	P	M	P	A	H	B	A	R	R	A	J	P	O	D
N	D	R	N	O	K	J	L	Ç	R	I	R	T	M	O	O
T	H	I	N	D	I	G	N	A	D	O	B	K	I	Y	W

89

3ª etapa: Comparação de aspectos estéticos de trechos descritivos entre peça e filme

Assistir ao trecho do filme “O Auto da Compadecida²” sobre o julgamento final e apresentar uma leitura comparativa entre as linguagens teatro e filme, descrevendo oralmente os adjetivos semelhantes que aparecem em ambos textos.

4ª etapa: Ilustração, a descrição de uma imagem.

Por fim, considerando que cada personagem tem uma personalidade, desenhe a face mostrando a reação da personagem que mais chamou sua atenção.

¹ A adaptação do texto filosófico para o teatro foi conduzida e organizada pela professora Janaína Russeff, disponível em: <<https://www.teatronaescola.com/index.php/banco-de-pecas>>.

² Adaptação cinematográfica da peça homônima, de Ariano Suassuna.

TIPOLOGIA DESCRITIVA



O objetivo desta atividade consiste em apresentar a definição, as características e os tipos de descrição textual. Para tanto, faz-se uso da *Roleta da Descrição*. Basta rodar a roleta para abordar algum tópico referente ao texto descritivo. Após, solicitar ao alunos que efetuem a descrição da imagem ao lado. Bom trabalho!



UM APÓLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha: - Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo? - Deixe-me, senhora. - Que a deixe? Que a deixe, por quê? Por que lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça. - Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros. - Mas você é orgulhosa. - Decerto que sou. - Mas por quê? - É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu? - Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu? - Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados... - Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando... - Também os batedores vão adiante do imperador. - Você imperador? - Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto... _____ (estar) nisto, quando a costureira _____ (chegar) à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se _____ (passar) em casa de uma baronesa, que _____ (ter) a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. _____ (chegar) a costureira, _____ (pegar) do pano, _____ (pegar) da agulha, _____ (pegar) da linha, _____ (enfiar) a linha na agulha, e _____ (entrar) a coser. Uma e outra _____ (ir) andando orgulhosas, pelo pano adiante, que _____ (ser) a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha: - Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima... A linha não _____ (responder) nada; _____ (ir) andando. Buraco aberto pela agulha _____ (ser) logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não _____ (estar) para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe _____ (dar) resposta, _____ (calar-se) também, e _____ (ir) andando. E _____ (ser) tudo silêncio na saleta de costura; não se _____ (ouvir) mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira _____ (dobrar) a costura, para o dia seguinte; _____ (continuar) ainda nesse e no outro, até que no quarto _____ (acabar) a obra, e _____ (ficar) esperando o baile. Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolcheteando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe: - Ora agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá. Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: - Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico. Conte esta história a um professor de melancolia, que me disse, abandonando a cabeça: - Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis. **Contos consagrados**. RJ, Ediouro.

Compreensão do texto

1. Onde aconteceu a história?

2. Quais são os personagens principais?

3. E os secundários?

4. Qual a época em que essa história ocorreu? Retire do texto trechos que comprovem a sua resposta.

5. Por que a agulha e a linha estavam discutindo? E o que pôs fim à discussão?

Usando a gramática

1. Construa três frases, comparando a agulha e a linha e utilizando o grau comparativo de inferioridade (menos... que), igualdade (tão... que) e superioridade (mais... que).
2. Preencha os espaços em branco do texto com os verbos entre parênteses no tempo adequado. Refaça as frases retiradas do texto, substituindo o pronome oblíquo pelo seu termo a que se referem.
 - a) "Por que lhe digo que está com um ar insuportável?"

 - b) "Que a deixe?"

 - c) "Que lhe importa o meu ar?"

 - d) "Cada qual tem o ar que Deus lhe deu."

 - e) "... quem é que os cose..."

 - f) "A costureira, que a ajudou a vestir-se..."

3. Agora, refaça as frases, substituindo o complemento do verbo pelo pronome oblíquo adequado.
 - a) "Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros."

 - b) "...vai só mostrando o caminho..."

 - c) "...vai fazendo o trabalho obscuro e ífimo."

 - d) "_____(enfiar) a linha na agulha..."

 - e) "...levava a agulha espetada no corpinho".

 - f) "... murmurou à pobre agulha..."

zOOM NA ESCRITA

Essa sequência fotográfica revela a reprodução de uma antiga farmácia montada no *Museu Histórico Nacional*, no Rio de Janeiro.



fotografia 1



fotografia 2



fotografia 3

93

Na fotografia 1, vemos um panorama da antiga farmácia; na fotografia 2, temos a aproximação de um dos armários do estabelecimento; e, na fotografia 3, o que se encontra é um pormenor de uma das prateleiras desse armário, onde estão as garrafas verdes.

É possível fazer esse mesmo movimento de zoom, isto é, um efeito de aproximação ou de afastamento gradual pela variação de distância de quem vê também na escrita?

1 – Escolha uma paisagem e faça uma sequência de três fotografias com o seu smartphone com o efeito de aproximação (de uma visão geral para um ponto específico do lugar) ou, ao contrário, de afastamento (de um ponto específico para uma visão geral do lugar), como ocorre nas imagens acima com os objetos.

2 – A partir da sua produção fotográfica, faça um texto em que você descreva a paisagem fotografada em diferentes etapas, se aproximando ou se afastando dela.

Adrienne Ogeda
Alba Valéria Tinoco Alves Silva
Alberto Roiphe
Arly Cristina Bastos Silva
Carlene Ferreira Nunes Salvador
Claudia Roberta Tavares Silva
Clédia Santos
Davi Pereira de Souza
Edna Caroline Alexandria
Janine Araujo da Silva
Jânio Vieira dos Santos
Kaline Mendes e Laura Almeida
Laura Camila Braz de Almeida
Lídia Maria da Silva Freire
Marcela Fernandez
Marcela Moura Torres Paim
Maria Irene dos Santos André
Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda
Pedro Santos da Silva
Rosineide Andrade
Valéria Severina Gomes
Wesley da Silva Santos

